

FRANCISCO RACCA FILHO

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS GÊNEROS

Lasiodera GRAY, 1832 E *Philyna* LAPORTE, 1836

(COLEOPTERA, CLERIDAE)

Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em
Zoologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Mestre em Ciências Biológicas - Zoologia.

Rio de Janeiro

1992

FRANCISCO RACCA FILHO

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS GÊNEROS
Lasiodera GRAY, 1832 E *Philyna* LAPORTE, 1836
(COLEOPTERA, CLERIDAE)

Banca Examinadora:

Prof. Miguel A. Monn
(Presidente da Banca)

Prof. ~~_____~~

Prof. J. J. Jansen

Rio de Janeiro, 07 de maio de 1992

Trabalho realizado no Departamento de Biologia Vegetal
da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientador:

Prof. Adriano Lucio Peracchi
Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro - Departamento de
Biologia Animal.

FICHA CATALOGRÁFICA

RACCA FILHO, Francisco

Contribuição ao estudo dos gêneros *Lasiodera* Gray, 1832 e *Philyna* Laporte, 1836 (Coleoptera, Cleridae). Rio de Janeiro. UFRJ, Museu Nacional, 1992.

x, 60 f.

Tese: Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia)

- | | |
|----------------|----------------|
| 1. Entomologia | 2. Sistemática |
| 3. Genitália | 4. Teses |

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional

II. Título

Aos meus pais,

esposa e

filhos

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Deixamos consignados nossos agradecimentos a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram na elaboração desta dissertação e, em especial:

- Prof. Adriano Lucio Peracchi, pela orientação deste trabalho, colocando a nossa disposição sua coleção de clerídeos à qual pertencem muitos dos exemplares estudados;

- Prof. Ubirajara R. Martins e Sr. Carlos Alberto Campos Seabra pela cessão de parte do material para nossos estudos;

- Prof. Carlos Alberto Cavalcante dos Santos pela colaboração no estudo das genitálias e redescrição das espécies;

- Profs. Paulo Cesar Rodrigues Cassino e Aurino Florencio de Lima, pelo apoio e estímulos constantes;

- Profs. Mariangela da Silva Guajará e Irineu Lobo Rodrigues Filho, pela confecção dos desenhos;

- Prof. Inês Machline da Silva, pela valiosa colaboração na versão dos textos em francês;

- Prof. Eurípedes Barsanulfo de Menezes, pela ajuda na obtenção das fotos dos exemplares depositados no Natural History Museum - London.

RESUMO

Este trabalho consta de uma revisão dos clerídeos até então considerados no gênero *Lasiodena* Gray, 1832 com um estudo detalhado da morfologia externa e das genitálias dos machos, o que nos levou a propor a sua divisão em dois, sendo revalidado então, o gênero *Philyna* Laporte, 1836.

Lasiodena ornata (Klug, 1842) e *L. voluptuosa* (Thomson, 1860) não são estudadas à nível de genitália dos machos por não estarem representadas nas coleções estudadas.

São incluídas descrições dos gêneros, espécies e respectivas estruturas das genitálias dos machos, assim como mensurações dos exemplares e considerações gerais. As estruturas da genitália do macho de *Philyna helopioides* Laporte, 1836 não são incluídas por termos à nossa disposição apenas um exemplar fêmea.

São ilustradas e discutidas as estruturas da genitália que mais se diferenciaram à nível específico.

São apresentadas chaves sistemáticas para a separação das espécies dos gêneros, com base nas características morfológicas externas.

O nome específico de *Lasiodera malleri* (Pic, 1933) é considerado como sinônimo de *L. nuficollis* (Gorham, 1877).

ABSTRACT

The present work consists of a revision of the species considered up to now in the genus *Lasiodera* Gray, 1832 (Coleoptera, Cleridae) with a detailed study of external morphology as well as males external genitalia which made us to propose the separation into two genera, *Lasiodera* Gray, 1832 and *Philyna* Laporte, 1836, being the second one revalidated.

Lasiodera ornata (Klug, 1842) and *L. voluptuosa* (Thomson, 1860) had not their external genitalia examined because they are not represented in the collections studied.

Descriptions of the genera, species and male genital structures, including measurements of the series and also general considerations are provided.

The male genital structures of *Philyna helopioides* Laporte, 1836 are not represented because only one female specimen of this species is represented in collections studied.

The genital structures, showing specific differences, are illustrated and discussed.

To identify the species of the genera, systematic keys are presented, based on the external morphological characters.

The specific name of *Lasiodera malleri* (Pic, 1933) is considered to be a synonym of *L. ruficollis* (Gorham, 1877).

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Revisão de Literatura	2
3. Material e Métodos	7
4. Resultados	10
4.1. Redescrição do gênero <i>Lasiodena</i> Gray, 1832	11
4.2. Descrição da genitália dos machos de <i>Lasiodena</i> Gray, 1832.	13
4.3. Chave para separação das espécies do gênero <i>Lasiodena</i> Gray, 1832.	13
4.4. Estudo das espécies do gênero <i>Lasiodena</i> Gray, 1832. 14	
<i>Lasiodena kinbyi</i> Gray, 1832	14
<i>Lasiodena ruficollis</i> (Gorham, 1877)	17
<i>Lasiodena rufipes</i> (Klug, 1842)	20
<i>Lasiodena trifasciata</i> (Laporte, 1836)	23
<i>Lasiodena zonata</i> (Thomson, 1860)	26
4.5. Redescrição do gênero <i>Philyna</i> Laporte, 1836	30
4.6. Descrição da genitália dos machos de <i>Philyna</i> Laporte, 1836	31
4.7. Chave para separação das espécies do gênero <i>Philyna</i> Laporte, 1836	32
4.8. Estudo das espécies do gênero <i>Philyna</i> Laporte, 1836.33	
<i>Philyna basalis</i> (Racca Filho & Santos, 1988)	33
<i>Philyna helopioides</i> Laporte, 1836	36
<i>Philyna jucunda</i> (Schenkling, 1900)	38
<i>Philyna quadrivittata</i> (Peracchi, 1960)	41

<i>Philyna stenochioides</i> (Chevrolat, 1874)	44
<i>Philyna viridis</i> (Pic, 1936)	47
5. Discussão	50
6. Conclusões	54
7. Referências Bibliográficas	56
8. Apêndice	60

1. INTRODUÇÃO

Quando elegemos para nossos estudos os coleópteros do gênero *Lasiodena* Gray, 1832 (Coleoptera, Cleridae, Eno-pliinae), o mesmo estava representado por 14 espécies, sendo 13 assinaladas para o Brasil e 1 para o México, entretanto a análise dos caracteres morfológicos e de genitália dos machos nos permitiu dividi-lo em dois, o que nos levou a reva-lidar o gênero *Philyna* Laporte, 1836.

Pelo fato de ser um grupo cujas espécies se encontram distribuídas na região neotropical e em face das descrições originais serem geralmente muito suscintas, assim como da ausência de estudos sobre a genitália dos machos, considerou-se necessário a realização desta revisão.

Estudos à nível de genitália dos machos foram feitos unicamente por RACCA FILHO & SANTOS (1988) que abordaram somente as genitálias de *Lasiodena jucunda* (Schenkling, 1900) e *Lasiodena basalis* Racca Filho & Santos, 1988.

O trabalho visa abordar as estruturas das genitáliias dos machos de *Lasiodena* Gray e *Philyna* Laporte, na tentativa de encontrar novos elementos morfológicos aplicáveis à sistemática dos gêneros e também fazer redescrições porme-norizadas das espécies, objetivando um melhor conhecimento das mesmas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O nome *Lasiodera* aparece pela primeira vez em 1832 quando GRAY descreveu a espécie *Clerus kinbyi* pois ao ilustrá-la nomeou-a *Lasiodera kinbyi*.

LAPORTE (1836) descreveu um novo gênero, *Philyna*, para uma nova espécie *Philyna helopioides*. No mesmo trabalho descreveu *Clerus trifasciatus*.

DEJEAN (1837) no catálogo de coleópteros de sua coleção apresentou uma espécie de clerídeo denominando-a *Enoplium pulchellum*.

Em uma revisão sobre os clerídeos KLUG (1842) incluiu no gênero *Enoplium* Latreille, 1802 as espécies *Clerus trifasciatus* Laporte, 1836 e *Clerus kinbyi* Gray, 1832, não mencionando portanto o nome *Lasiodera* de Gray. Além disso descreveu *Enoplium rufipes* e *E. ornatum*.

SPINOLA (1844) no tomo I de sua obra sobre clerídeos criou o gênero *Pelonium*, que é um anagrama de *Enoplium*, descrevendo *P. cleroides* e considerando *Philyna helopioides* como sinônimo de *Pelonium pulchellum*, argumentando que o nome proposto por LAPORTE não estava de acordo com a aparência do inseto em questão, já que o mesmo não se assemelhava aos verdadeiros Helópiens.

Em 1857, LUCAS descreveu uma espécie a qual denominou *Pelonium superbum*.

LACORDAIRE (1857) considerou *Lasiodera* e *Philyna* como sinônimos de *Pelonium*. Ao citar as espécies de *Pelonium* do Museu Britânico, considerou *Enoplium rufipes* como varieda

de de *Pelonium trifasciatum* e ilustrou *P. trifasciatum* denominando-a *P. kinbyi*.

Em 1860, THOMSON descreveu duas espécies de *Pelonium*, do Brasil, *P. voluptuosum* e *P. zonatum*.

Em 1869, GEMMINGER & HAROLD consideraram, em seu catálogo de coleópteros, *Lasiodera* e *Philyna* como sinônimos de *Pelonium* e, *P. superbum* Lucas, 1857 foi considerada sinônimo de *P. kinbyi* (Gray, 1832). Estes mesmos autores fizeram nova combinação para *Enoplium onnatum* Klug, 1842 transferindo-a para o gênero *Pelonium* e reformularam a proposição de SPINOLA (1844) em relação à espécie *P. pulchellum* (Dejean, 1837) colocando-a como sinônimo de *P. helopioides* (Laporte, 1836).

Em 1874, CHEVROLAT descreveu uma nova espécie do México denominando-a *Pelonium stenochioides*. Este mesmo autor em 1876 descreveu *P. semivittatum*.

DESMAREST (1876) mantém o gênero *Philyna*, Laporte, 1836 em seu catálogo de gêneros de coleópteros afirmando que até que se tivesse um conhecimento mais profundo do mesmo, este deveria ser mantido como pertencente à família Cleridae.

GORHAM, em 1877, descreveu *Pelonium nuficolle* e transferiu *Enoplium nufipes* Klug, 1842 para o gênero *Pelonium*. Este mesmo autor considerou *P. semivittatum* Chevrolat, 1876 como sinônimo de *P. helopioides* Laporte, 1836.

Em 1900, SCHENKLING descreveu *Pelonium jucundum* e em 1903 catalogou *Lasiodera* como sinônimo de *Pelonium*.

SCHENKLING (1906) ao relacionar os clerídeos do Deutschen Entomologischen National-Museums, citou as espéci-

es *Pelonium jucundum* Schenkling, 1900, *P. rufipes* (Klug, 1842) e *P. trifasciatum* (Laporte, 1836), mencionando que o exemplar ilustrado em LACORDAIRE (1876) não é *P. kinbyi* (Gray, 1832) e sim *P. trifasciatum*.

GAHAN (1910), considerando a complexidade do gênero *Pelonium* dividiu-o em *Pelonium*, *Galenucleus* e, *Lasiodena* proposto por Gray em 1832, apresentando pela primeira vez uma caracterização do mesmo:

"Olhos com pequenas facetas, profundamente emarginados adiante, largamente separados tanto em cima como em baixo; acetábulo das ancas anteriores não fechados atrás; fêmures um tanto robustos, especialmente os das patas anteriores dos machos; primeiro artícolo tarsal visível de cima, garras simples. Tipo do gênero, *Lasiodena kinbyi*, Gray." Incluiu ainda neste gênero as espécies *P. trifasciatum*, *P. ruficolle* e *P. rufipes*.

Em 1910 SCHENKLING relacionou em seu catálogo as espécies propostas por GAHAN (1910) e acrescentou a espécie *Pelonium stenochioides* Chevrolat, 1874 ao gênero *Lasiodena* que passou a contar com cinco espécies, sendo quatro do Brasil e uma do México. Considerou ainda como *Pelonium* as espécies *P. helopioides*, *P. jucundum*, *P. ornatum*, *P. voluptuosum* e *P. zonatum*.

BRUCH (1915) no catálogo dos clerídeos da República Argentina cita, por erro, *Laciodena* Gray em vez de *Lasiodena*, referindo-se a *L. rufipes* (Klug, 1842).

PIC (1933) descreveu *Lasiodena mallei* e em 1936 descreveu *Pelonium vinide*.

BLACKWELDER (1945) relacionou em seu catálogo as

espécies até então pertencentes ao gênero *Lasiodera* e fez novas combinações para as espécies *Pelonium helopioides*, *P. jucundum*, *P. ornatum*, *P. viride*, *P. voluptuosum* e *P. zonatum* transferindo-as para o gênero *Coninthiscus* Fairmaire & Germain, 1861.

Em 1948 CORPORAAL propôs que no gênero *Lasiodera* deveriam ser incluídas, de acordo com a proposição de GAHAN (1910), também as espécies *Pelonium ornatum*, *P. voluptuosum* e *P. zonatum*.

Este mesmo autor em seu catálogo de 1950 listou as espécies de *Lasiodera* em número de nove e considerou no gênero *Coninthiscus* as espécies *C. helopioides*, *C. jucundus* e *C. viridis*.

PERACCHI (1960) fez novas combinações para as espécies *Coninthiscus helopioides* e *C. viridis* transferindo-as para o gênero *Lasiodera*, de acordo com a proposição de GAHAN (1910). Este mesmo autor, em 1960a descreveu uma nova espécie denominando-a *Lasiodera quadnivittata* e, em 1962 transferiu para o gênero *Lasiodera* a espécie *C. jucundus*.

EKIS (1975), ao analisar a coleção de clerídeos de Massimiliano Spinola, designou um lectótipo fêmea e um paralectótipo fêmea de *Lasiodera helopioides* (Laporte, 1836) assim como um lectótipo fêmea e dois paralectótipos, um macho e uma fêmea, de *L. trifasciata* (Laporte, 1836), além de citar como sinônimo *P. clenoides* Spinola, 1844 e, considerou em nomen nudum *Enoplium clenoides*, Buquet Collection e *Clerus spinolae*, D. Germar *in litteris*, citados por SPINOLA (1844) como sinônimos.

RACCA FILHO & SANTOS (1988) redescreveram *Lasiodera jucunda* (Schenkling, 1900) e descreveram uma nova espécie, *L. basalis*, apresentando pela primeira vez estudos sobre a genitália dos machos do gênero *Lasiodera*.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Durante a realização do presente trabalho foram examinados exemplares das coleções a seguir enumeradas.

- C.A.C.S. - Coleção Carlos Alberto Campos Seabra, atualmente depositada no Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- I.B.S.P. - Coleção do Instituto Biológico, São Paulo.
- I.E.E.A. - Coleção do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas, atualmente depositada no Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- F.M.N.H. - Coleção do Field Museum of Natural History, Chicago.
- M.N.R.J. - Coleção do Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- M.Z.S.P. - Coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
- A.L.P. - Coleção Adriano Lucio Peracchi, depositada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- I.O.C. - Coleção do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- J.F.Z. - Coleção J. F. Zikán, atualmente depositada na Coleção do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- G.W. - Coleção Gregorio Williner, Colégio S. Miguel, Argentina.
- H.Z. - Coleção Herman Zellibor, depositada no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Além do material depositado nestas coleções, tam-

bém tivemos oportunidade de examinar fotografias de material depositado no Natural History Museum - London das espécies *Lasiodera kinbyi* Gray, 1832, *L. trifasciata* (Laporte, 1836), *L. ruficollis* (Gorham, 1877) e *L. rufipes* (Klug, 1842).

Para o estudo morfológico das genitálias externas dos machos, retirou-se o abdome dos exemplares aquecendo-os em solução de hidróxido de potássio a 10%, por tempo variável, e posterior diafanização por fenol. As peças da genitália foram desenhadas, após dissecação, nas várias posições, sendo depois montadas entre lâmina e lamínula, com bálsamo do Canadá, utilizando-se a técnica de montagem preconizada por COSTA LIMA (1921), não havendo necessidade da utilização de corantes para diferenciação das peças.

Na análise e nomenclatura das peças genitais optou-se pelos sistemas de SHARP & MUIR (1912) e de JEANNEL & PAULIAN (1944).

As figuras foram executadas com auxílio de câmara clara acoplada a microscópio estereoscópio Wild M-5.

Como quase todas as espécies são conhecidas apenas pelas descrições originais, geralmente muito sucintas, são feitas redescrições pormenorizadas das mesmas.

As medidas dos exemplares foram tomadas com auxílio de lente ocular micrométrica da marca Wild e referem-se às seguintes especificações: comprimento total do corpo, segundo uma linha média longitudinal partindo do ponto de maior aproximação dos olhos até a extremidade apical do élitro; largura do protórax, segundo uma linha transversal no ponto o mesmo é mais alargado; largura umeral, na altura dos calos

umerais e, comprimento do élitro segundo uma linha longitudinal mediana.

4. RESULTADOS

Embora todas as espécies hoje pertencentes ao gênero *Lasiodesna* Gray, 1832 se enquadrem nos caracteres propostos por GAHAN (1910), a análise do conjunto mostrou características na morfologia externa e nas genitálias dos machos que nos permitem concluir que temos dois grupos distintos.

O grupo composto pelas espécies *L. kinbyi* Gray, 1832, *L. nuficollis* (Gorham, 1877), *L. nufipes* (Klug, 1842), *L. trifasciata* (Laporte, 1836) e *L. zonata* (Thomson, 1860), por nós observadas, e *L. ornata* (Klug, 1842) e *L. voluptuosa* (Thomson, 1860) de acordo com as descrições originais, tem o pronoto tuberculado no terço posterior e antenas dos machos iguais às das fêmeas, com os dois primeiros artículos da clava subtriangulares e o terceiro oval. O outro grupo que inclui *L. basalis* Racca Filho & Santos, 1988, *L. helopioides* (Laporte, 1836), *L. jucunda* (Schenkling, 1900), *L. quadnivittata* Peracchi, 1960, *L. stenochioides* (Chevrolat, 1874) e *L. viridis* (Pic, 1933) tem o pronoto ligeiramente convexo com bordos externos subparalelos e antenas dos machos tendo a clava os dois primeiros artículos expandidos na base e nas fêmeas subtriangulares, além de serem todas as espécies de cores brilhantes com reflexos metálicos.

A análise das genitálias dos machos nos permite observar que tais diferenças morfológicas correspondem a dois tipos característicos: no primeiro grupo os lobos laterais são unidos ventralmente por uma estrutura membranosa na meta

de basal, com longos pêlos marginais nos ápices; o lobo mediano é membranoso, sustentado por um par de estruturas esclerotizadas (median struts de SHARP & MUIR, 1912), enquanto no segundo grupo os lobos laterais não são unidos ventralmente, com pêlos curtos densamente distribuídos no quarto apical e o lobo mediano é esclerotizado, com o ápice acuminado.

Baseando-se nestas características julgamos conveniente propor a divisão do gênero *Lasiodera* em dois gêneros distintos: *Lasiodera* Gray, 1832 para o primeiro grupo de espécies citado, sendo que para o segundo grupo revalidamos o gênero *Philyna* Laporte, 1836, cuja espécie tipo é *Philyna helopioides* Laporte, 1836. Apesar de não termos em mãos nenhum exemplar macho desta espécie, impossibilitando a análise da genitália e antenas, o exemplar fêmea observado tem características morfológicas semelhantes às das outras espécies cujas genitálias dos machos foram analisadas.

Estes gêneros são muito próximos de *Corinthiscus* Fairmaire & Germain, 1861 e *Cnægya* Leconte, 1861, deles se distinguindo por apresentarem olhos com pequenas facetas e unhas simples, enquanto *Corinthiscus* e *Cnægya* têm olhos com grandes facetas, sendo as unhas simples em *Corinthiscus* e pedunculadas em *Cnægya*.

4.1. REDESCRIBÇÃO DO GÊNERO *Lasiodera* GRAY, 1832.

Lasiodera Gray, 1832: pr. 48, fig. 3.

Pelonium (part.) Spinola, 1844: 154, 362.

Pelonium (part.): Lacordaire, 1857: 480.

Pelonium (part.): Gemminger & Harold, 1869: 1754.

Pelonium (part.): Gorham, 1877: 419.

Pelonium (part.): Schenkling, 1903: 106.

Lasiodesna: Gahan, 1910: 75.

Lasiodesna: Schenkling, 1910: 127.

Laciodesna (sic): Bruch, 1915: 253.

Lasiodesna: Blackwelder, 1945: 390.

Lasiodesna: Corporaal, 1948: 245.

Lasiodesna: Corporaal, 1950: 278.

Enopliinae. Cabeça - olhos com pequenas facetas, emarginados frontalmente, largamente separados tanto em cima como na frente; frente mais longa do que larga; labro invaginado medianamente, com os bordos laterais arredondados; mandíbulas desenvolvidas, recurvadas, expandidas na base, com a face externa escavada até próximo do ápice, que é acuminado; palpos maxilares e labiais com os últimos artículos securiformes (figs. 3 e 4); antenas de onze artículos, com os três últimos formando clava com os dois primeiros de forma subtriangular e o terceiro oval, semelhante em ambos os sexos, mais longas que a cabeça e o protórax em conjunto (figs. 1 e 2).

Tórax - bordo posterior do pronoto rebordado; tuberculado no terço posterior. Tarsos criptopentâmeros, com os três primeiros artículos expandidos ventralmente, o quarto muito curto e o quinto alongado; unhas simples com um leve intumescimento na base; acetábulos das coxas anteriores abertos atrás; fêmures engrossados; tíbias delicadas e um tanto arqueadas.

Abdome - nos machos o bordo posterior do quinto urostere

nito é reentrante, em forma semicircular e nas fêmeas é reto, com uma série de pequenos pêlos em toda extensão; urosternitos com uma faixa estreita apical, sem pêlos (figs. 5 e 6).

Espécie tipo do gênero: *Lasiodera kinbyi* Gray, 1832.

4.2. DESCRIÇÃO DA GENITÁLIA DOS MACHOS

DE *Lasiodera* Gray, 1832.

Aedeagus do tipo vaginado. Tegmen com os lobos laterais e a peça basal formando um semi-estajo por onde o lobo mediano se move livremente.

O tegmen é formado pela peça basal estreita e alongada e pelos lobos laterais arqueados, expandidos para os ápices, que são arredondados. Ápices dos lobos laterais com pêlos longos marginais. Dorsalmente os lobos laterais estão unidos na metade basal e ventralmente estão unidos por uma estrutura membranosa.

O lobo mediano é arqueado, membranoso, sustentado por um par de estruturas esclerotizadas (median struts de SHARP & MUIR, 1912), que têm formatos específicos.

4.3. CHAVE PARA SEPARAÇÃO DAS ESPÉCIES

DO GÊNERO *Lasiodera* Gray, 1832.

1. Pronoto densamente piloso (lanoso); élitros amarelados, com o terço apical preto com duas manchas arredondadas alaranjadas. *L. kinbyi* Gray.
- 1'. Pronoto piloso, porém não apresentando o aspecto lanoso; élitros amarelados com três faixas transversais pretas ou violáceas. 2

2. Pronoto vermelho. 3
- 2'. Pronoto preto. 4
3. Antenas com os artículos da clava esbranquiçados; élitros rugoso pontuados. *L. ornata* (Klug).*
- 3'. Antenas com os artículos da clava pretos; élitros finamente pontuados. *L. nuficollis* (Gorham).
4. Pernas pretas. *L. trifasciata* (Laporte).
- 4'. Pernas vermelhas ou castanho avermelhadas. 5
5. Élitros com as três faixas transversais pretas, sem pontuações profundas; tarsos pretos. *L. nufipes* (Klug).
- 5'. Élitros com pontuações profundas nas faixas transversais. 6
6. Élitros com as três faixas transversais pretas, com pontuações profundas nas faixas basal e mediana; tarsos castanhos. *L. zonata* (Thomson).
- 6'. Élitros com as faixas transversais basal e mediana de cor preta uniforme e a faixa apical lateralmente preta e avermelhada próximo à sutura, com pontuações profundas.
 *L. voluptuosa* (Thomson).*

* Espécies não representadas nas coleções estudadas. Os dados referentes à morfologia foram obtidos das descrições originais das mesmas.

4.4. ESTUDO DAS ESPÉCIES DO GÊNERO *Lasiodera* Gray, 1832.

Lasiodera kirbyi Gray, 1832.

(Ests. II e III)

- Clerus kinbyi* Gray, 1832: 376.
- Lasiodena kinbyi* Gray, 1832: pr. 48, fig. 3.
- Enoplium kinbyi*: Klug, 1842: 262.
- Enoplium kinbyi*: Spinola, 1844 Supl.: 152.
- Pelonium kinbyi*: Lacordaire, 1857: 480.
- Pelonium superbum* Lucas, 1857: 94, pr. 5, fig. 3.
- Pelonium kinbyi*: Gemminger & Harold, 1869: 1754.
- Pelonium superbum*: Gemminger & Harold, 1869: 1754.
- Pelonium kinbyi*: Schenkling, 1903: 106.
- Lasiodena kinbyi*: Gahan, 1910: 75.
- Lasiodena kinbyi*: Schenkling, 1910: 127.
- Lasiodena kinbyi*: Blackwelder, 1945: 390.
- Lasiodena kinbyi*: Corporaal, 1948: 245.
- Lasiodena kinbyi*: Corporaal, 1950: 278.

Macho (fig. 7). Cabeça preta, densamente pontuada e pilosa com pêlos amarelados na frente e pretos no vértice; clipeo e labro castanhos; mandíbulas, olhos e palpos maxilares e labiais pretos; antenas pretas, pilosas com pêlos esbranquiçados; escapo e pedicelo inferiormente de cor castanha; primeiro artículo do funículo mais longo que os demais; clava constituída de três artículos com pilosidade também preta, com pêlos mais curtos que os pêlos dos demais artículos; o primeiro e segundo artículos subtriangulares, levemente expandidos no ápice e o terceiro oval.

Protórax preto, densamente pontuado e piloso, com pêlos longos, pretos, dando o aspecto lanoso; ângulos anteriores arredondados e posteriores quase retos; ligeiramente estrangulado na base; bordo anterior pouco mais largo que o posterior.

Escutelo subtriangular, preto, com pontos pilosos.

Pernas pretas, densamente pilosas com longos pêlos amarelados; expansões dos três primeiros tarsômeros castanhas ventralmente; unhas castanhas.

Élitros amarelados, com o terço apical, sutura e duas faixas pretas; faixa anterior em forma de meia lua, estreita, arqueada para o ápice, não atingindo a sutura nem a margem; faixa posterior em forma de "V", com o vértice voltado para a base, partindo da margem e atingindo a sutura, onde une-se ao terço apical por estreita área preta; terço apical com duas manchas arredondadas, alaranjadas; terço anterior e mediano com inúmeros pontos enegrecidos de formas e profundidades variadas; pilosidade amarelada abundante, excetuando-se nas áreas pretas, onde os pêlos também são pretos.

Abdome castanho, com pilosidade esbranquiçada.

Genitália (figs. 8 a 13). Peça basal ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais, com ápice bífido e acumulado. Lobos laterais com uma pequena abertura transversal mediana, quando observados lateralmente; terço basal, em vista lateral, com contorno formando ângulo reto no bordo dorsal; em vista dorsal unidos no quarto basal e estreitamente aproximados até próximo à metade, quando então se afastam; ápices largamente afastados. Lobo mediano, em vista lateral, comprimido próximo ao ápice, assumindo uma forma espatular e terminando em ponta levemente encurvada; em vistas ventral e dorsal bífido no ápice.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo: Brasil.

Distribuição geográfica: BRASIL: Minas Gerais.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 13,1; comprimento do protórax, 3,6; largura do protórax, 3,4; comprimento do élitro, 8,6; largura umeral, 3,6; Fêmea: comprimento total, 15,4; comprimento do protórax, 4,2; largura do protórax, 4,1; comprimento do élitro, 10,8; largura umeral, 4,4.

Material examinado. BRASIL. Minas Gerais: Mar de Espanha, 1 fêmea, 14.xi.1910, J.F. Zikán col. (J.F.Z.), ? , 1 macho, 17.xi.1943, ? , (J.F.Z.).

Comentário. Esta espécie é facilmente diferenciada das demais, não só por seu colorido, como também por ser a única com o pronoto densamente piloso, com aspecto lanoso.

Lasiodera ruficollis (Gorham, 1877).

(Ests. I, IV e V)

Pelonium ruficolle Gorham, 1877: 419.

Pelonium ruficolle: Schenkling, 1903: 106.

Lasiodera ruficollis: Gahan, 1910: 75.

Lasiodera ruficollis: Schenkling, 1910: 127.

Lasiodera ruficollis: Blackwelder, 1945: 390.

Lasiodera ruficollis: Corporaal, 1950: 278.

Lasiodera malleri Pic, 1933: 292 (*n. syn.*).

Lasiodera malleri: Blackwelder, 1945: 390.

Lasiodera malleri: Corporaal, 1950: 278.

Macho (fig. 14). Cabeça castanho avermelhada, com pontos pilosos na frente; olhos pretos com reflexos avermelhados; mandíbulas castanho avermelhadas com os ápices pretos; palpos maxilares e labiais castanhos; antenas pilosas com os oito pri-

meiros artículos castanho avermelhados e os três últimos formando clava, pretos, sendo os dois primeiros de forma subtriangular e o último oval terminando em ponta levemente pronunciada.

Protórax fortemente convexo, castanho avermelhado, com pontos pilosos uniformemente distribuídos; ângulos anteriores arredondados e posteriores quase retos. Face ventral castanho avermelhada. Escutelo subtriangular, castanho avermelhado.

Pernas castanho avermelhadas, pilosas; unhas um tanto mais escuras.

Élitros pilosos, alongados, convexos, envolvendo lateralmente o abdome; úmeros arredondados; amarelo sulfúreos com pontos pilosos pretos, três faixas transversais, sutura, bordos laterais e ápices pretos com reflexos violáceos; a primeira faixa deixa sobre a base uma mácula transversal afastada do bordo; as outras são contínuas estendendo-se da margem até a sutura.

Abdome castanho avermelhado, com pilosidade esparsa esbranquiçada, mais concentrada nos bordos laterais.

Genitália (figs. 15 a 20). Peça basal, no ponto de união com os lobos laterais, bífida fortemente acuminada. Lobos laterais unidos dorsal e ventralmente até um pouco além da metade basal, largamente separados nos ápices; lateralmente com uma sutura transversal, um pouco acima do meio, que não atinge toda a extensão. Lobo mediano, em vista ventral, com ápice bífido e dorsalmente em ponta de contorno arredondado; em vista lateral com uma robusta projeção no terço apical.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo. BRASIL: Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina (Mafra).

Distribuição Geográfica: BRASIL. Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 8,7-10,6; comprimento do protórax, 2,2-2,8; largura do protórax, 2,3-3,1; comprimento do élitro, 6,0-7,4; largura umeral, 2,4-3,2; Fêmea: comprimento total, 7,7-10,7; comprimento do protórax, 2,0-2,6; largura do protórax, 1,9-2,9; comprimento do élitro, 5,5-7,5; largura umeral, 2,1-3,1.

Material examinado. BRASIL: Minas Gerais, Passa Quatro (Fazenda dos Campos), 1 macho, 26.xi.1914, 1 fêmea, 30.xii.1914, 1 macho e 1 fêmea, 02.i.1918, 1 macho, ? , J. F. Zikán col. (J.F.Z.); São Paulo, Cantareira, 1 macho, xii.1934. 1 fêmea, xi.1941, J. Guerin col. (M.Z.S.P.), 1 fêmea, 12.xi.1939, H. Zellibor e Hauff col. (M.Z.S.P.), Jabaquara, 1 macho, 07.ii.1944, H. Zellibor col. (M.Z.S.P.), S. José dos Barreiros (Serra da Bocaina), 1 fêmea, 31.x.1967, O. Roppa col. (?), 1 fêmea, xi.1965, Alvarenga e Seabra col. (A.L.P.).

Comentário. PIC (1933) ao descrever *Lasiodera malleri* mencionou a semelhança desta espécie com *L. ruficollis* (Gorham, 1877), ressaltando que a sua espécie possuía os ápices dos élitros orlados de preto e que as faixas transversais eram violáceas, o que a diferenciava da espécie de Gorham. Na análise de fotografias dos sítipos de *L. ruficollis* depositados no Museu Britânico, observamos que esta espécie também possui os élitros orlados de preto, fato não mencionado na descrição original. No material por nós analisado, os exempla

res tanto têm as faixas transversais dos élitros violáceas quanto pretas, variação esta acentuada pela incidência de luz, assim como os ápices dos élitros também são orlados de preto. Este mesmo material contém exemplares determinados como *L. ruficollis* por consagrados especialistas em clerídeos, como Corporaal e Schenkling. As localidades tipo de ambas as espécies são muito próximas já que *L. malleri* é proveniente de Mafra-SC e *L. ruficollis* do Paraná e Rio de Janeiro. Com a análise destes dados concluímos por colocar *L. malleri* como sinônimo de *L. ruficollis*.

Lasiodera rufipes (Klug, 1842).

(Ests. VI e VII)

Enoplium rufipes Klug, 1842: 362.

Enoplium rufipes: Spinola, 1844: 154.

Pelonium rufipes: Gorham, 1877: 419.

Pelonium rufipes: Schenkling, 1903: 106, pr. 2, f.11.

Pelonium rufipes: Schenkling, 1906: 312.

Lasiodera rufipes: Gahan, 1910: 75.

Lasiodera rufipes: Schenkling, 1910: 127.

Laciodera (sic) *rufipes*: Bruch, 1915: 253.

Lasiodera rufipes: Blackwelder, 1945: 389.

Lasiodera rufipes: Corporaal, 1950: 278.

Macho (fig. 21). Cabeça pilosa, preta; fronte preta com região anterior castanho avermelhada, densamente pilosa, com pêlos esbranquiçados; clipeo castanho avermelhado; labro castanho amarelado; mandíbulas castanho avermelhadas, com o ter-

go apical enegrecido; palpos maxilares e labiais castanho amarelados. Antenas pretas, pilosas; escapo castanho avermelhado, pedicelo curto; três primeiros artículos do funículo cilíndricos, com leve intumescimento no ápice; os três artículos seguintes diminuem gradativamente em tamanho; clava constituída de três artículos, sendo o primeiro subtriangular, levemente expandido no ápice; o segundo também subtriangular, mais curto que o anterior, com a expansão do ápice mais pronunciada, e o terceiro oval terminando em ponta.

Protórax preto brilhante, piloso, no meio com uma depressão longitudinal; ligeiramente estrangulado na base; bordo anterior pouco mais largo que o posterior; ângulos anteriores arredondados e posteriores quase retos. Escutelo subtriangular, ligeiramente côncavo. Face ventral castanho amarelado, com pontos pilosos.

Pernas vermelhas, pilosas, com pêlos esbranquiçados; tarsos e unhas pretos, o ápice do último artículo tarsal castanho; tíbias com o ápice levemente espessado, na face inferior com dois esporões apicais escurecidos; protíbias com as margens externas serrilhadas.

Élitros pilosos, alongados, convexos, envolvendo lateralmente o abdome; levemente comprimidos abaixo dos ângulos umerais; subparalelos, estreitando-se próximo ao ápice; úmeros arredondados, pilosos; ângulo sutural aberto; amarelos sulfúreos com três faixas transversais e o ápice pretos, sendo a primeira faixa situada logo após a região umeral, estendendo-se da sutura até próximo à margem, mais alargada nas proximidades da sutura; faixa mediana estendendo-se da sutura até à margem, com bordos irregulares, com dois estrangulamentos, um

próximo à sutura e outro próximo à margem; terceira faixa semelhante à primeira, estendendo-se da sutura à margem, sendo mais larga nos seus extremos, bordos com pequenas irregularidades; sutura preta à partir da faixa mediana, estendendo-se até o ápice, também de cor preta, o qual liga-se marginalmente à faixa transversal posterior.

Abdome castanho escuro, com pilosidade esparsa esbranquiçada, mais concentrada nos bordos laterais, onde os pêlos são mais longos; urosternitos com uma faixa estreita apical castanho avermelhada, sem pêlos.

Genitália (figs. 22 a 27). Peça basal ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais, bífida. Lobos laterais com uma pequena abertura transversal mediana, quando observados lateralmente; no dorso, estreitamente aproximados na metade basal, onde se afastam até os ápices, e com dobras pronunciadas das paredes, próximas ao terço apical, que se relacionam com as aberturas visíveis lateralmente. Lobo mediano em vista lateral dilatado no ápice, com uma pequena projeção acuminada; em vista ventral com ápice bífido, de contorno arredondado, com uma abertura subelíptica e uma projeção acuminada para trás, decorrente das dobras das paredes laterais; dorsalmente com ápice bífido.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo: BRASIL.

Distribuição Geográfica: BRASIL. Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo; ARGENTINA, Misiones.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 12,7-17,6; comprimento do protórax, 3,5-4,8; largura do protórax, 3,1-4,3; comprimento do élitro, 8,7-11,9; largura umeral, 4,0-5,1. Fê-

mea: comprimento total, 11,6-15,6; comprimento do protórax, 3,0-4,0; largura do protórax, 2,7-3,8; comprimento do élitro, 8,5-11,2; largura umeral, 3,3-4,6.

Material examinado. BRASIL. Minas Gerais: Lavras, 1 macho, 20.iii.1944, C. Braga col. (M.Z.S.P.); Passa Quatro, 3 machos, ii.1915, J.F. Zikán col. (I.E.E.A.), 1 macho e 1 fêmea, 18.xi.1915, J.F. Zikán col. (J.F.Z.), 1 fêmea, 14.xi.1915, J.F. Zikán col.(J.F.Z.), 1 macho, 29.x.1916, J.F. Zikán col. (I.E.E.A), 1 macho, 14.ii.1917, J.F. Zikán col.(J.F.Z.); Poços de Caldas, 1 fêmea, 03.ii.1968, J. Becker, O. Roppo e O. Leoncini col. (M.N.R.J.), 1 macho, 26.xi.1969, J. Becker e O. Leoncini col. (M.N.R.J.); Virginia, 1 macho, 17.xii.1920, J.F. Zikán col. (I.B.S.P.); Rio de Janeiro: Itatiaia, 1 macho, 06.i.1927, J.F. Zikán col. (J.F.Z.), 1 macho, 28.x.1932, J.F. Zikán col. (J.F.Z.); Petrópolis, 2 machos, _/19_, Gagarin col. (M.Z.S.P.); São Paulo: Campos do Jordão, 1 macho, iii.1945, Wygodzinsky col. (I.E.E.A.).

Comentário. Espécie muito próxima de *L. zonata*, podendo ser separada pela depressão longitudinal do pronoto, pelas faixas dos élitros sem pontuações profundas e pelos tarsos pretos.

Lasiodera trifasciata (Laporte, 1836).

(Ests. VIII e IX).

Clerus trifasciatus Laporte, 1836: 47.

Enoplium trifasciatum: Klug, 1842: 362.

Pelonium cleroides Spinola, 1844: 374.

Pelonium trifasciatum: Spinola, 1844: pr. 34, fig.3.

- Enoplium trifasciatum*: Spinola, 1844 Supl.: 152.
- Pelonium cleroides*: Spinola, 1844 Supl.: 152.
- Pelonium trifasciatum*: Spinola, 1844 Supl.: 167.
- Pelonium trifasciatum*: Lacordaire, 1857: 481.
- Enoplium rufipes*: Lacordaire, 1857: 481 (nec *rufipes* Klug, 1842).
- Pelonium kirbyi*: Lacordaire, 1876: pr. 46, fig. 5.
- Pelonium trifasciatum*: Desmarest, 1876: fig. 183.
- Pelonium trifasciatum*: Schenkling, 1903: 106.
- Pelonium cleroides*: Schenkling, 1903: 106.
- Pelonium trifasciatum* (nec *kirbyi*): Schenkling, 1906: 312.
- Lasiodera trifasciata*: Gahan, 1910: 75.
- Lasiodera trifasciata*: Schenkling, 1910: 127.
- Lasiodera trifasciata*: Blackwelder, 1945: 390.
- Lasiodera trifasciata*: Corporaal, 1950: 278.
- Lasiodera trifasciata*: Ekis, 1975: 52.

Macho (fig. 28). Cabeça pilosa, densamente pontuada, preta, com pêlos esbranquiçados; labro castanho; olhos pretos com reflexos castanhos; palpos maxilares e labiais castanhos, com o último artículo mais escuro, quase preto; antenas pretas, pilosas, sendo a pilosidade dos artículos que formam a clava mais densa e com pêlos mais curtos que aqueles dos demais artículos; clava com os dois primeiros artículos subtriangulares e o terceiro oval terminando em ponta.

Protórax preto, piloso, pontuado; dorsalmente com uma suave depressão longitudinal ocupando aproximadamente a sua metade anterior; ligeiramente estrangulado na base de modo que

o bordo anterior é um pouco mais largo que o posterior; ângulos anteriores e posteriores ligeiramente arredondados. Escutelo subtriangular, preto, piloso, ligeiramente côncavo. Tórax ventralmente preto, com pontos pilosos esparsos.

Pernas pretas, pontuadas, pilosas, com pilosidade esbranquiçada; tarsos pretos, com as expansões ventrais dos três primeiros artículos, o ápice do último artícolo e as unhas castanhos.

Élitros pontuados, pilosos, com pontos pequenos uniformemente distribuídos; convexo, envolvendo lateralmente o abdome; subparalelos, estreitando-se próximo ao ápice; úmeros arredondados; amarelo sulfúreos com três faixas transversais pretas, estendendo-se da sutura até a margem; sutura e o ápice pretos; a primeira faixa situada logo após a região umeral, mais alargada na sutura e estreitando-se gradativamente em direção à margem; a segunda, mediana, é mais larga na margem e estreita-se gradativamente em direção à sutura; a terceira faixa, no terço posterior, tem a mesma largura em toda extensão.

Abdome preto, com pilosidade esparsa esbranquiçada.

Genitália (figs. 29 a 34). Peça basal ultrapassando o ponto de união dos lobos laterais, bífida. Lobos laterais, dorsalmente, estreitamente aproximados no terço basal e afastados nos ápices; ventralmente, a membrana basal apresenta uma estreita abertura longitudinal em toda sua extensão; lateralmente com uma abertura transversal mediana e com contorno arredondado no bordo dorsal. Lobo mediano em vista lateral com uma expansão apical; em vistas dorsal e ventral com ápice bífido; ventralmente com uma estreita abertura alongada oval

no terço apical; dorsalmente com uma projeção, de ápice bífido, decorrente das dobras das paredes laterais.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo: BRASIL.

Distribuição Geográfica: BRASIL. Rio de Janeiro, São Paulo.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 13,8-15,6; comprimento do protórax, 3,8-4,2; largura do protórax, 3,6-3,9; comprimento do élitro, 9,6-11,0; largura umeral, 4,1-4,5; Fêmea: comprimento total, 10,9-14,8; comprimento do protórax, 3,1-4,0; largura do protórax, 3,0-3,7; comprimento do élitro, 7,3-10,1; largura umeral, 3,2-4,2.

Material examinado. BRASIL: Rio de Janeiro, Bocaina, 3 machos e 2 fêmeas, iv.1924, ? , (M.Z.S.P.), 1 fêmea, iv.1924, ? , (I.E.E.A.), 2 machos e 2 fêmeas, iv.1924, R. Spitz col. (I.E.E.A), 1 macho e 1 fêmea, iv.1924, Luederwaldt col. (I.E.E.A.); São Paulo, S. J. Barreto, 1 macho e 1 fêmea, xi. 1965, Alvarenga e Seabra col. (C.A.C.S.).

Comentário. Esta espécie é facilmente separada das demais por apresentar as pernas de cor preta uniforme.

Lasiodera zonata (Thomson, 1860).

(Ests. X e XI).

Pelonium zonatum Thomson, 1860: 66.

Pelonium zonatum: Schenkling, 1903: 106.

Pelonium zonatum: Schenkling, 1910: 132.

Corinthiscus zonatus: Blackwelder, 1945: 390.

Lasiodera zonata: Corporaal, 1948: 245.

Lasiodera zonata: Corporaal, 1950: 279.

Macho (fig. 35). Cabeça pilosa, densamente pontuada, preta; olhos pretos; fronte preta com a região anterior castanho amarelada; palpos maxilares e labiais, labro e clipeo castanho amarelados; mandíbulas castanho amareladas com o ápice preto; antenas pilosas, escapo e pedicelo castanho amarelados; os seis segmentos do funículo subcilíndricos, castanho amarelados, diminuem gradativamente no comprimento; clava formada por três artículos, preta, com pilosidade abundante, sendo os pêlos menores que aqueles dos demais segmentos; o primeiro e o segundo artículos subtriangulares e o terceiro oval, terminando em ponta.

Protórax densamente pontuado, piloso, preto; ligeiramente estrangulado na base; bordo anterior pouco mais largo que o posterior; ângulos anteriores arredondados e posteriores quase retos. Face ventral castanho amarelado, com pontos pilosos. Escutelo subtriangular, ligeiramente côncavo, preto.

Pernas castanho avermelhadas, pilosas, com pilosidade esbranquiçada; tarsos e unhas castanho avermelhadas.

Élitros amarelos com três faixas pretas irregulares; a faixa anterior próxima à base, partindo da margem e levemente engrossada próximo à sutura; faixa mediana com a margem basal bastante irregular, mais larga na margem e levemente arqueada para o ápice, unindo-se por uma estreita projeção, na sutura, com a faixa posterior que é levemente arqueada para trás; com pontos profundos, principalmente nas faixas anterior e mediana, próximos à sutura; sutura e ápice pretos.

Abdome preto, piloso, com pilosidade esbranquiçada; uros ternitos com uma estreita faixa apical, castanho avermelhada, sem pêlos.

Genitália (figs. 36 a 41). Peça basal ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais, com duas pequenas projeções acuminadas. Lobos laterais, em vista lateral, com uma sutura mediana, transversal, fortemente marcada. Em vista dorsal unidos na metade basal, com uma sutura sutil, longitudinal, que não ocupa toda a sua extensão; afastados nos ápices, com uma dobra fortemente evidenciada nos pontos onde estão separados, acima da metade basal; ventralmente unidos pela membrana basal, que é sutilmente marcada no meio, no sentido longitudinal. Lobo mediano, em vista lateral, com o ápice acuminado e com uma projeção logo abaixo, decorrente das dobras das paredes laterais, observadas ventralmente; em vista ventral com o ápice estreitamente unido e em vista dorsal, também unido pelas dobras apicais das paredes laterais.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo: BRASIL.

Distribuição Geográfica: BRASIL. São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul; ARGENTINA. Misiones; PARAGUAI.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 8,2-16,3; comprimento do protórax, 2,3-4,7; largura do protórax, 2,1-3,9; comprimento do élitro, 5,4-11,1; largura umeral, 2,3-4,2; Fêmea: comprimento total, 9,4-13,6; comprimento do protórax, 2,4-3,6; largura do protórax, 2,2-3,4; comprimento do élitro, 6,3-9,5; largura umeral, 2,5-3,8.

Material examinado. ARGENTINA: P. Iguazu, Misiones, 1 macho, i.1944, A. Bridarolli col. (G.W.); S. Antonio, Misiones, 1 fêmea, x.1958, A. Martinez col. (C.A.C.S.); BRASIL: Paraná, Arapongas, 1 macho, ii.1952, A. Maller col.(C.A.C.S.), Curitiba, 1 macho, i.1938, ? , (I.B.S.P.), Londrina, 1 macho, i.1934, ? , (I.B.S.P.), Ponta Grossa, 1 fêmea, 05.xii.1938, 1 fêmea, 17.i.1939, 1 macho, ii.1939, Camargo col. (M.Z.S.P.), Rondon, 1 fêmea, 30.viii.1952, 1 fêmea, 05.ix.1952, 1 fêmea, 07.ix.1952, 1 fêmea, 08.ix.1952, 1 fêmea, 11.ix.1952, 1 fêmea, 12.ix.1952, 1 fêmea, 26.x.1952, 1 macho, 03.xi.1952, 1 fêmea, 18.xi.1952, F. Plaumann col. (F.M.N.H.), Santa Mariana, 1 fêmea, ? , H. Zellibor col. (H.Z.); Rio Grande do Sul, Marcelino Ramos, 1 fêmea, xii.1939, ? , (M.Z.S.P.), 1 macho, 15.x.1939, ? , (M.Z.S.P.), S. Francisco de Paula, 1 macho. i.1937, P. Buck col. (J.B.); Santa Catarina, Hansa, 1 fêmea, xi.1939, ? , (H.Z.), Mafra, 1 fêmea, xii.1939, 2 machos e 1 fêmea, i.1940, A. Maller col. (C.A.C.S.), Nova Teutônia, 1 macho e 1 fêmea, xi.1936, ? , (H.Z.), 1 macho, ii.1940, ? , (I.B.S.P.), 1 macho, iii.1941, ? , (M.Z.S.P.), 1 macho, ?.1942, F. Plaumann col. (M.Z.S.P.), 1 fêmea, x.1941, 1 fêmea, 06.xii.1950, 1 macho, 16.xi.1951, 1 fêmea, 06.xii.1951, 1 macho, 14.xii.1951, 1 fêmea, 20.xii.1951, 1 fêmea, 17.xi.1952, 1 fêmea, 23.xii.1953, 1 fêmea, 08.iv.1954, 1 macho, 01.xii.1954, F. Plaumann col. (F.M.N.H.), 3 fêmeas, xi.1961, 2 machos e 1 fêmea, x.1962, 6 machos e 2 fêmeas, xi.1962, 1 macho e 1 fêmea, 03.xi.1962, 2 machos, 09.xi.1962, 1 fêmea, 29.xi.1962, 2 machos e 1 fêmea, 05.xii.1962, 1 fêmea, 17.vii.1963, 1 macho, 08.iii.1964, F. Plaumann col. (F.M.N.H), Rio Vermelho, 1 macho, iii.1939, A. Maller col. (C.A.C.S.); São Paulo, Casa

Grande, 1 fêmea, iv.1935, J. Guerin col. (I.B.S.P.), Indiana, 2 fêmeas, 30.x.1934, ? , (H.Z.), Porto Cabral, 1 macho, 15/30.x.1941, L. Travassos Filho col. (M.Z.S.P.); PARAGUAI: S. Barbara, 1 macho e 1 fêmea, 17.x.1924, F. Schade col. (J.F.Z.), Depto. San Pedro, S. Estanislao, 1 fêmea, i.1948, G. Williner col. (G.W.), ? , 1 macho, xii.1926, F. Schade col. (J.F.Z.).

Comentário. Espécie muito próxima de *L. rufigipes* da qual se distingue pelos seguintes caracteres: pronoto sem depressão longitudinal mediana, tarsos castanhos, faixas pretas transversais dos élitros com pontos profundos.

4.5. REDESCRIÇÃO DO GÊNERO *Philyna* Laporte, 1836 *reval.*

Philyna Laporte, 1836: 53.

Pelonium (part.): Spinola, 1844: 377-379.

Pelonium (part.): Lacordaire, 1857: 479.

Pelonium (part.): Gemminger & Harold, 1869: 1753.

Philyna: Desmarest, 1876: 277.

Pelonium (part.): Schenkling, 1903: 106.

Lasiodera (part.): Schenkling, 1910: 127.

Pelonium (part.): Schenkling, 1910: 130.

Lasiodera (part.): Blackwelder, 1945: 390.

Corinthiscus (part.): Blackwelder, 1945: 390.

Lasiodera (part.): Corporaal, 1950: 278.

Corinthiscus (part.): Corporaal, 1950: 288.

Enopliinae. Cabeça - olhos com pequenas facetas, emargina dos frontalmente, largamente separados tanto em cima como na frente; frente mais longa que larga; labro invaginado mediana

mente com os bordos laterais arredondados; mandíbulas desenvolvidas, recurvadas, expandidas na base, com a face externa escavada até próximo do ápice que é acuminado; palpos maxilares e labiais com os últimos artículos securiformes; antenas de onze artículos, com os três últimos formando clava, mais longas que a cabeça e o protórax em conjunto; nos machos os dois primeiros artículos da clava antenal com expansões na base mais longas que o próprio artículo e, nas fêmeas de forma subtriangular. (figs. 42 e 43).

Tórax - ligeiramente convexo; bordo posterior rebordado; bordos externos subparalelos. Tarsos criptopentâmeros, com os três primeiros artículos expandidos ventralmente, o quarto muito curto e o quinto alongado; unhas simples, com um leve intumescimento na base; acetábulo das coxas anteriores abertos atrás.

Abdome - com pilosidade esparsa; bordo posterior do quinto urosternito com uma série de pequenos pêlos em toda extensão, com uma reentrância semicircular nos machos e reto nas fêmeas; urosternitos com uma faixa estreita apical, sem pêlos.

Espécie tipo do gênero: *Philyna helopioides* Laporte
1836.

4.6. DESCRIÇÃO DA GENITÁLIA DOS MACHOS

DE *Philyna* Laporte, 1836.

Aedeagus do tipo vaginado onde o tegmen forma um semi-estojo por onde o lobo mediano se move livremente.

O tegmen é formado pela peça basal estreita e alongada e pelos lobos laterais arqueados, expandidos para os ápices que são arredondados. Quarto apical dos lobos laterais com pêlos

curtos densamente distribuídos. Dorsalmente, os lobos laterais estão unidos na metade basal e separados nos ápices; ventralmente estão afastados.

O lobo mediano é esclerotizado, com o ápice acuminado, com aberturas ventrais e dorsais com contornos variados; terço apical levemente encurvado.

4.7. CHAVE PARA SEPARAÇÃO DAS ESPÉCIES

DO GÊNERO *Philyra* Laporte, 1836.

1. Coloração geral verde brilhante *P. viridis* (Pic).
- 1'. Élitros verdes ou violáceos com reflexos metálicos e com desenhos ou faixas amarelos 2
2. Élitros verdes com uma larga faixa basal amarela, ocupando o primeiro quarto e projetando-se junto à margem em ponta até o meio *P. basalis* (Racca Filho & Santos).
- 2'. Élitros com manchas basais cuneiformes ou com faixas longitudinais, dorsais 3
3. Élitros com manchas basais cuneiformes, dorsais..... 4
- 3'. Élitros com faixas longitudinais, dorsais..... 5
4. Élitros com faixas longitudinais nas margens, de comprimento aproximado à sua metade.... *P. jucunda* (Schenkling).
- 4'. Élitros com faixas longitudinais nas margens, de comprimento aproximado à sua metade, e faixas transversais situadas um pouco além do meio que se estendem da sutura até as margens, onde se unem àquelas longitudinais.....
..... *P. stenochioides* (Chevrolat).
5. Élitros com faixa longitudinal na margem, estendendo-se

até um pouco além do meio, unida àquela dorsal por uma faixa transversal, também amarela, um tanto inclinada em direção à sutura..... *P. helopioides* Laporte.

5'. Élitros com faixa longitudinal nas margens, amarela; faixa dorsal próxima à sutura estreitando-se progressivamente até próximo ao terço posterior onde volta a se alargar *P. quadrivittata* (Peracchi).

4.8. ESTUDO DAS ESPÉCIES DO GÊNERO *Philyna* Laporte, 1836.

Philyna basalis (Racca Filho & Santos, 1988) *comb. n.*

(Ests. XII, XIII e XIV).

Lasiodena basalis Racca Filho & Santos, 1988: 87.

Macho (fig. 44). Corpo alongado, piloso, tegumento de brilho metálico esverdeado. Cabeça densamente pontuada, com pêlos castanho escuros, amplamente distribuídos; labro castanho ferrugíneo; palpos maxilares e labiais castanho ferrugíneos, com o ápice do último artícuo castanho escuro; antenas pretas com os artícuos do funículo diminuindo gradativamente de comprimento da base para o ápice, pilosas com pêlos acinzentados; clava antenal com uma cobertura contínua e sedosa de pêlos curtos e delicados, com pêlos pretos curtos e robustos que sobressaem da cobertura subjacente; os dois primeiros artícuos da clava providos na base de um ramo espatulado, que se projeta para cima, ultrapassando o comprimento dos mesmos e o terceiro simples, alongado, com o ápice arredondado; olhos pretos, com pêlos eretos castanhos e esparsos; mandíbu-

las pretas.

Protórax alongado, subcilíndrico, levemente convexo no dorso, com os lados não paralelos; pronoto com pilosidade castanho escura esparsa, mais concentrada dos lados; pontuação fina e concentrada, mais esparsa no dorso; margem anterior mais larga do que a posterior; lados levemente reentrantes após os ângulos anteriores, proeminentes medianamente, convergindo para a margem posterior; esverdeado, com reflexos purpúreos ao longo da margem posterior; pro, meso e metasterno esverdeados, com pilosidade esbranquiçada, mais concentrada no metasterno. Escutelo esverdeado com a margem posterior arredondada.

Pernas pilosas, esverdeadas, excetuando-se tarsos e unhas, que são castanho escuros.

Élitros alongados, convexos, fortemente comprimidos lateralmente contra o abdome, até próximo ao meio; esverdeados com reflexos purpúreos principalmente na área mediana; larga faixa basal amarela, ocupando o primeiro quarto e projetando-se, junto à margem, em forma de ponta até o meio; pontos profundos e densamente distribuídos em forma de retículo, excetuando-se na faixa basal, onde são mais rasos e esparsos; pilosidade castanho escura, exceto na faixa, onde é castanho amarelada, esparsa, exceto no ápice e ao longo das margens, onde é mais densa; calos umerais pouco proeminentes; margens afastando-se gradualmente em direção ao ápice, próximo do qual os élitros atingem sua maior largura, onde convergem abruptamente em arco de círculo.

Abdome esverdeado, piloso, principalmente nas margens posteriores dos urosternitos.

Genitália (figs. 45 a 50). Peça basal com ápice ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais, bífido em forma de "Y". Lobos laterais largamente unidos dorsalmente, separados no terço apical, com abertura mais acentuada que em *P. jucunda*. Lobo mediano com aberturas dorsal e ventral ocupando quase todo o seu comprimento; ventralmente, no terço apical, abertura com contorno triangular e largamente afastados até a base; dorsalmente, abertura com contornos arredondados formando, no terço apical uma abertura subcircular que se liga a uma outra de contorno elíptico, mediana, e a partir desta estreitamente afastado até a base.

Fêmea semelhante ao macho, apresentando-se mais pilosa, com mais reflexos purpúreos no pronoto e nos élitros.

Localidade tipo: BRASIL. Santa Catarina, Nova Teutônia.

Distribuição Geográfica: BRASIL. Santa Catarina.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 9,0; comprimento do protórax, 2,2; largura do protórax, 2,0; comprimento do élitro, 6,4; largura umeral, 2,8; Fêmea: comprimento total, 8,9; comprimento do protórax, 2,0; largura do protórax, 1,9; comprimento do élitro, 6,5; largura umeral, 2,4.

Material examinado. BRASIL: Santa Catarina, Nova Teutônia, 1 macho, Holótipo, xi.1938, 1 fêmea, Alótipo, xii.1937, F. Plaumann col. (F.M.N.H.).

Comentário. Espécie afim de *P. viridis* e *P. jucunda* das quais se distingue facilmente pela larga faixa basal nos élitros, amarela.

Philyra helopioides Laporte, 1836.

(Est. XV)

- Philyra helopioides* Laporte, 1836: 54.
- Enoplium pulchellum* Dejean, 1837: 128. *nomen nudum*.
- Pelonium pulchellum*: Spinola, 1844: 377, pr. 34,
fig. 4.
- Enoplium pulchellum*: Spinola, 1844: 377.
- Philyra helopioides*: Spinola, 1844: 377.
- Pelonium pulchellum*: Lacordaire, 1857: 481.
- Philyra helopioides*: Lacordaire, 1857: 481.
- Pelonium helopioides*: Gemminger & Harold, 1869: 1754.
- Pelonium pulchellum*: Gemminger & Harold, 1869: 1754.
- Enoplium pulchellum*: Gemminger & Harold, 1869: 1754.
- Philyra helopioides*: Desmarest, 1876: 277.
- Pelonium semivittatum* Chevrolat, 1876: 37.
- Pelonium helopioides*: Gorham, 1877: 418.
- Pelonium semivittatum*: Gorham, 1877: 418.
- Pelonium helopioides*: Schenkling, 1903: 106.
- Pelonium pulchellum*: Schenkling, 1903: 106.
- Pelonium semivittatum*: Schenkling, 1903: 106.
- Pelonium helopioides*: Schenkling, 1910: 130.
- Pelonium pulchellum*: Schenkling, 1910: 130.
- Pelonium semivittatum*: Schenkling, 1910: 130.
- Corinthiscus helopioides*: Blackwelder, 1945: 390.
- Corinthiscus helopioides*: Corporaal, 1950: 287.
- Lasiodera helopioides*: Peracchi, 1960: 67.
- Lasiodera helopioides*: Ekis, 1975: 52.

Fêmea (fig. 51). Cabeça densamente pontuada, pilosa, verde brilhante; mandíbulas pretas com a base verde brilhante, com reflexos metálicos; labro castanho amarelado; palpos maxilares e labiais amarelados; antenas amareladas, pilosas, com escapo robusto, alongado; os artículos do funículo diminuem gradativamente de comprimento da base para o ápice; clava antenal densamente pilosa, com pêlos curtos; os dois primeiros artículos com pequenas saliências apicais e o terceiro simples e alongado.

Protórax piloso, densamente pontuado, violáceo, com reflexos metálicos; fracamente convexo; bordo posterior um pouco mais estreito que o anterior; bordos laterais ligeiramente convexos no terço posterior; ângulos anteriores e posteriores ligeiramente arredondados. Escutelo subtriangular, verde brilhante, com pontos pilosos.

Élitros pilosos com pontos profundos arredondados, densamente distribuídos por toda a superfície, em conjunto arredondados no ápice, violáceos com reflexos verde metálicos, com duas faixas longitudinais, amarelas, sendo uma próximo à sutura e outra na margem, esta mais estreita e mais curta que aquela, unidas por uma faixa transversal, também amarela, situada no terço posterior, um tanto inclinada em direção à sutura e com margens sinuosas e de largura semelhante à daquela longitudinal próxima à sutura.

Pernas castanho amareladas, com pontos pilosos; as anteriores com reflexos esverdeados nos ápices dos fêmures e nas metades basais das tíbias; unhas castanho amareladas.

Tórax e abdome ventralmente de cor verde brilhante, com

pontos pilosos; urosternitos com uma estreita faixa de cor castanha no ápice, sem pêlos.

Localidade tipo: BRASIL.

Distribuição Geográfica: BRASIL. Espírito Santo.

Dimensões (mm). Fêmea: Comprimento total, 7,6; comprimento do protórax, 1,5; largura do protórax, 1,6; comprimento do élitro, 5,6; largura umeral, 2,0.

Material examinado. BRASIL. Espírito Santo, Córrego do Itá, 1 fêmea, xi.1956, W. Zikán col. (I.E.E.A.).

Comentário. Espécie próxima de *P. quadrivittata*, diferenciando-se pela faixa transversal nos élitros unindo as faixas longitudinais dorsal e marginal, amarelas.

Philyra jucunda (Schenkling, 1900) *comb. n.*

(Ests. XVI e XVII)

Pelonium jucundum Schenkling, 1900: 404.

Pelonium jucundum: Schenkling, 1903: 106, pr. 2,
fig. 10.

Pelonium jucundum: Schenkling, 1906: 312.

Pelonium jucundum: Schenkling, 1910: 131.

Corinthiscus jucundus: Blackwelder, 1945: 390.

Corinthiscus jucundus: Corporaal, 1950: 288.

Lasiodera jucunda: Peracchi, 1962: 305.

Lasiodera jucunda: Racca Filho & Santos, 1988: 83.

Macho (fig. 52). Cabeça orbicular, esverdeada com reflexos metálicos, densamente pontuada, com grande quantidade de pêlos esbranquiçados e pêlos castanhos esparsos; labro cas-

tanho ferrugíneo; olhos pretos com reflexos metálicos, com pêlos castanhos esparsos; mandíbulas pretas com reflexos esverdeados; palpos maxilares e labiais castanho ferrugíneos; antenas castanho ferrugíneas; pedicelo quase globoso; os artículos do funículo diminuem gradativamente de comprimento, da base para o ápice; clava mais longa que os demais artículos reunidos, com uma cobertura contínua de curtos e delicados pêlos castanhos, de aspecto sedoso e com pêlos pretos, curtos e fortes, ordenados em direção ao ápice, que sobressaem na cobertura subjacente; os dois primeiros artículos da clava providos na base de um ramo espatulado que se projeta para cima, ultrapassando o comprimento dos mesmos e, o terceiro simples, ovalado, alongado, com o ápice em sutil ponta, levemente encurvada.

Protórax alongado, subcilíndrico, piloso, levemente convexo no dorso, com os lados não paralelos; pronoto densamente pontuado, com pontos grossos e profundos nos lados e com pontos menores e mais esparsos no dorso; com pilosidade castanha e esparsa, mais concentrada nos lados; verde escuro com reflexos violáceos; bordo anterior mais largo que o posterior; ângulos anteriores e posteriores arredondados; pro, meso e metasterno verde escuros com pilosidade esbranquiçada, concentrada no metasterno. Escutelo subcircular, verde escuro.

Pernas castanho ferrugíneas, com pilosidade castanha e pêlos delicados esbranquiçados; coxas, ápice dos fêmures e margens externas das tíbias pretos com reflexos esverdeados; tarsos e unhas enegrecidos.

Élitros alongados, convexos, pilosos, com pilosidade cas

tanha esparsa, com pontos profundos densamente distribuídos, tão contíguos entre si que dão ao conjunto um aspecto reticulado, exceto nas manchas; verde escuros, com áreas violáceas, principalmente no meio da sutura; grande mancha amarela na base, formada por dois ramos: um próximo à sutura, em forma de cunha que percorre o terço basal, podendo aproximar-se da metade, e o outro em forma de estreita faixa que, após contornar os calos umerais, acompanha a margem por toda a metade basal, estreitando-se gradativamente; margens dilatando-se gradualmente a partir dos calos umerais, que são pouco proeminentes, até próximo ao ápice, onde abruptamente se projetam em arco de círculo.

Abdome verde escuro, com reflexos metálicos, com pilosidade esbranquiçada, principalmente nas margens posteriores dos urosternitos.

Dois exemplares apresentaram pronoto e élitros violáceos com reflexos verde escuros.

Genitália (figs. 53 a 58). Peça basal ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais numa projeção acuminada simples, quase tão longa quanto o terço basal dos mesmos. Lobos laterais com um espessamento transversal, um pouco acima do meio. Lobo mediano de ápice abruptamente acuminado e base fendida; abertura ventral de contornos irregulares, sendo que no terço apical quase atingindo o ápice; ventralmente as aberturas têm contornos subelípticos, também no terço apical; em vista lateral o terço apical é levemente encurvado, com uma projeção acuminada decorrente da parede da abertura ventral.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo: BRASIL. Goiás.

Distribuição Geográfica: BRASIL. Goiás, Santa Catarina.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 6,2-8,4; comprimento do protórax, 1,3-1,8; largura do protórax, 1,2-1,7; comprimento do élitro, 4,4-6,0; largura umeral, 1,6-2,2; Fêmea: comprimento total, 8,3-8,6; comprimento do protórax, 1,8-2,2; largura do protórax, 1,6-1,8; comprimento do élitro, 6,1-6,2; largura umeral, 2,1-2,3.

Material examinado. BRASIL. Santa Catarina, Nova Teutônia, 1 macho, 20.xi.1950, 1 fêmea, 01.xi.1951, 1 macho, 01.xii.1951, 1 macho, 02.xii.1951, 1 macho, 05.xii.1951, 1 fêmea, i.1963, F. Plaumann col. (F.M.N.H.).

Comentário. Espécie próxima de *P. stenochioides* da qual se distingue facilmente por não apresentar a faixa transversal amarela no terço posterior do élitro.

Philyra quadrivittata (Peracchi, 1960) *comb. n.*

(Ests. XVIII e XIX)

Lasiodena quadrivittata Peracchi, 1960: 139.

Macho (fig. 59). Cabeça pilosa, verde metálico claro; fronte com pontos pequenos, densamente distribuídos; vértice com pontuação mais profunda e esparsa; olhos pretos pouco salientes; clipeo e labro amarelos; mandíbulas pretas na metade apical e verde metálico na base; palpos maxilares e labiais amarelos; antenas pilosas com os oito primeiros artículos castanho amarelados; escapo robusto, alongado e encurvado; os artículos do funículo diminuem gradativamente de comprimento da base para

o ápice; clava antenal mais longa que os demais artículos reunidos, amarelo vivo, com os dois primeiros artículos providos na base de um ramo que excede os respectivos comprimentos, terceiro artículo simples, ovalado e alongado.

Protórax piloso, lateralmente violáceo metálico com pontos grossos e profundos, densamente distribuídos; dorsalmente de colorido metálico variável com a incidência de luz, mas predominantemente verde, com pontos esparsos; ventralmente verde metálico claro; tão longo quanto largo, uniforme e fracamente convexo; ângulos anteriores e posteriores ligeiramente arredondados; bordo posterior tão largo quanto o anterior; bordos laterais ligeiramente convexos; escutelo reniforme, verde metálico, com pontos pilosos.

Pernas com pontos pilosos; coxas e fêmures (exceto a base, que é castanho amarelado) de colorido verde metálico; tíbias verde azulado; tarsos castanho amarelados; garras pretas.

Mesotórax e metatórax, lateral e ventralmente, verde metálico claro.

Élitros alongados, convexos, mais largos que o protórax na base; menos pilosos que a cabeça e o protórax; em conjunto arredondados no ápice, com pontos profundos densamente distribuídos, tão contíguos que dão ao conjunto um aspecto reticulado; violáceos foscos, na sutura com tendência para o azul; sobre cada élitro há duas faixas amareladas, estreitamente ligadas na região umeral, de tal forma que vistas de cima parecem independentes; a mais externa é marginal e vai até $2/3$ do comprimento do élitro, a segunda, próxima da sutura, vai se com-

primindo progressivamente até um pouco além do meio, onde forma uma constrição, a seguir torna a dilatar-se e vai terminar um pouco além da primeira faixa descrita.

Abdome piloso, verde azulado, exceto uma faixa transversal distal, dourada, em cada urosternito.

Genitália (figs. 60 a 65). Peça basal ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais em uma projeção curta, acuminada, triangular; terço basal mais arqueado que em *P. basalis* e *P. jucunda*. Lobos laterais unidos dorsalmente na metade basal e afastados na metade apical, com uma abertura mais estreita que em *P. basalis* e *P. jucunda*. Lobo mediano, ventralmente, aberto em quase toda sua extensão; no ápice abertura de forma triangular, com um estrangulamento logo abaixo, onde as paredes laterais estão dobradas para dentro e, a partir deste ponto os bordos afastam-se progressivamente em direção à base; dorsalmente com uma abertura sub-oval no terço apical e outra, menor, subelíptica próxima ao meio; a partir desta com uma sutura em direção à base; lateralmente com uma projeção acuminada no terço apical, decorrente das dobras das paredes ventrais.

Fêmea semelhante ao macho exceto pelo protórax ligeiramente mais longo que largo, pela faixa mais interna do élitro que não sofre contração visível, com sua extremidade distal ligeiramente dilatada para fora e pela coloração das pernas: fêmures castanhos com reflexos verde metálico e tíbias de um violáceo claro.

Localidade tipo. BRASIL. Espírito Santo.

Distribuição Geográfica. BRASIL. Espírito Santo.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 11,5; comprimento do protórax, 2,5; largura do protórax, 2,5; comprimento do élitro, 8,0; largura umeral, 4,0; Fêmea: comprimento total, 13,5; comprimento do protórax, 3,0; largura do protórax, 2,5; comprimento do élitro, 9,0; largura umeral, 4,0.

Material examinado. BRASIL. Espírito Santo, Córrego do Itá, 1 macho, Holótipo, xi.1956, W. Zikán col. (C.A.C.S.); 1 fêmea, Alótipo, xi.1954, W. Grossmann col. (C.A.C.S.); 1 fêmea, Parátipo, 01-09.ii.1957, J. H. Guimarães col. (C.A.C.S.).

Comentário. Esta espécie é afim de *P. helopioides* mas distingue-se facilmente por não apresentar as duas faixas de cada élitro largamente unidas um pouco além do meio.

Philyna stenochioides (Chevrolat, 1874) *comb. n.*

(Ests. XX e XXI)

Pelonium stenochioides Chevrolat, 1874: 325.

Pelonium stenochioides: Schenkling, 1903: 106.

Lasiodena stenochioides: Schenkling, 1910: 127.

Lasiodena stenochioides: Blackwelder, 1945: 390.

Lasiodena stenochioides: Corporaal, 1950: 278.

Macho (fig. 66). Cabeça verde brilhante com reflexos metálicos, pontuada, pilosa, com pêlos castanhos; labro amarelado; mandíbulas pretas; palpos maxilares e labiais amarelados; antenas castanho amareladas com pêlos pretos; seis artículos do funículo subiguais, de forma quase anelar; os três artículos seguintes formam a clava, com os dois primeiros expandidos lateralmente na região basal, sendo as expansões mais lon

gas que o próprio artículo e o terceiro oval terminando em ponta levemente pronunciada.

Protórax violáceo, brilhante, densamente pontuado; ângulos anteriores e posteriores arredondados; fracamente convexo; bordo posterior um pouco mais estreito que o anterior; bordos laterais com ligeira constrição na parte anterior e ligeiramente convexos no terço posterior. Escutelo subtriangular, verde brilhante com pontos pilosos.

Pernas castanho amareladas com o ápice dos fêmures com reflexos esverdeados brilhantes, assim como as partes externas das tíbias, variando com a incidência da luz; tarsos castanhos e unhas castanho amareladas.

Élitros pilosos, violáceos, brilhantes, com reflexos verdes, principalmente na sutura; com pontos profundos densamente distribuídos por toda a superfície; com uma mancha basal cuneiforme amarela, que se estende da base estreitando-se para o ápice até próximo à sua metade; essa faixa é estreitamente unida, na região umeral, à uma faixa, também amarela, que se estende marginalmente até um pouco além da metade do élitro, onde se une à uma faixa transversal, igualmente amarela, que se estende até próximo à sutura e que apresenta os bordos sinuosos.

Tórax e abdome ventralmente de cor verde brilhante, pilosos.

Genitália (figs. 67 a 72). Peça basal ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais, com uma projeção delgada e acuminada. Lobos laterais, em vista lateral, com uma incisão que parte da base em direção ao ápice, de forma sinuada

acompanhando o contorno do bordo ventral, até um pouco acima da metade; em vista dorsal, unidos até próximo ao terço apical, onde estão separados de forma mais acentuada que em *P. viridis*. Lobo mediano, ventralmente, com uma incisão, apical, em forma de "V" invertido; a partir desta incisão, abertos até próximo à metade, formando desenho de contorno característico; dorsalmente com uma abertura subelíptica no terço apical e a partir desta com uma incisão longitudinal em direção à base.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo. MÉXICO.

Distribuição Geográfica. BRASIL. Mato Grosso do Sul; São Paulo; Paraná; Santa Catarina; MÉXICO.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 6,6-10,6; comprimento do protórax, 1,4-2,2; largura do protórax, 1,5-2,3; comprimento do élitro, 5,0-7,7; largura umeral, 1,8-3,0; Fêmea: comprimento total, 7,0-11,2; comprimento do protórax, 1,6-2,5; largura do protórax, 1,4-2,4; comprimento do élitro, 5,1-8,0; largura umeral, 1,9-3,3.

Material examinado. BRASIL. Mato Grosso do Sul, Rio Caraguata, 1 macho, x.1952, F. Plaumann col. (?); Paraná, Arapongas, 1 fêmea, xii.1951, A. Maller col. (C.A.C.S.), Iguassu, 1 macho, vii.1941, ? , (A.L.P.), Rondon, 1 macho, 29.viii.1952, 1 fêmea, 31.viii.1952, 2 machos, 06.ix.1952, 2 machos e 4 fêmeas, 07.ix.1952, 3 fêmeas, 08.ix.1952, 1 fêmea, 10.ix.1952, 5 fêmeas, 12.ix.1952, 3 machos e 1 fêmea, 13.ix.1952, 1 fêmea, 14.ix.1952, 2 machos e 6 fêmeas, 16.ix.1952, 1 macho e 1 fêmea, 17.ix.1952, 1 fêmea, 05.ix.1952, 1 macho e 1 fêmea, 20.ix.1952, 1 macho e 2 fêmeas, 23.ix.1952, 1 macho, 25.ix.

1952, 3 machos, 26.ix.1952, 2 machos e 3 fêmeas, 30.ix.1952, 1 fêmea, 01.x.1952, 1 macho, 04.x.1952, 1 macho, 03.x.1952, 1 macho e 4 fêmeas, 06.x.1952, 1 fêmea, 09.x.1952, 1 macho e 1 fêmea, 10.x.1952, 2 fêmeas, 11.x.1952, 1 fêmea, 12.x.1952, 1 macho, 13.x.1952, 1 fêmea, 14.x.1952, 1 macho e 1 fêmea, 18.x.1952, 1 macho, 25.x.1952, 1 macho, 27.x.1952, 1 macho, 20.xi.1952; Santa Catarina, Nova Teutônia, 1 fêmea, 04.xi.1951, F. Plaumann col. (F.M.N.H.); São Paulo, Jabaquara, 1 fêmea, 17.xi.1938, Zellibor e Hauff col. (H.Z.).

Comentário. Espécie muito próxima de *P. jucunda*, mas com uma faixa transversal um pouco além da metade dos élitros.

Philyra vinidis (Pic, 1936) *comb. n.*

(Ests. XXII e XXIII)

Pelonium vinide Pic, 1936: 20.

Coninthiscus vinidis: Blackwelder, 1945: 391.

Coninthiscus vinidis: Corporaal, 1950: 287.

Lasiodena vinidis: Peracchi, 1960: 67.

Macho (fig. 73). Cabeça pontuada, pilosa, verde brilhante, com reflexos metálicos; olhos pretos com reflexos violáceos; labro e palpos maxilares e labiais castanho amarelados; mandíbulas pretas; antenas pilosas, pretas, com reflexos verde metálico nos oito primeiros artícuos; os artícuos do funículo diminuem gradativamente de comprimento da base para o ápice; clava antenal com pilosidade abundante, com pêlos mais curtos que aqueles dos demais artícuos, com os dois primeiros artícuos tendo na base um ramo que excede os respectivos

comprimentos e o terceiro, oval, simples e alongado.

Protórax piloso, verde brilhante com reflexos metálicos; com pontos grossos e profundos densamente distribuídos nos lados e pontos menores e mais esparsos no dorso; fracamente convexo; ângulos anteriores e posteriores ligeiramente arredondados; ligeiramente estrangulado na base, de modo que o bordo anterior é um pouco mais largo que o posterior; bordos laterais ligeiramente convexos. Escutelo subtriangular, verde metálico com pontos pilosos.

Pernas pilosas, verde metálicas, com reflexos violáceos; tarsos pretos; unhas castanhas.

Élitros pilosos, com pontos densamente distribuídos, de coloração verde metálica uniforme; alongados, convexos, envolvendo lateralmente o abdome.

Abdome piloso, verde metálico, exceto uma faixa apical, castanha, em cada urosternito.

Genitália (figs. 74 a 79). Peça basal não ultrapassando o ponto de união com os lobos laterais. Lobos laterais unidos dorsalmente na metade basal, com um espessamento sinuado e um tanto inclinado, um pouco acima da metade basal, visível em todas as vistas; em vista lateral com perfil estreito. Lobo mediano, em vista ventral, com uma incisão em forma de "Y" invertido próxima ao ápice; aberto até a base a partir de um ponto logo abaixo da citada incisão, com um contorno de forma aproximada à de um losango; dorsalmente, com uma abertura subelíptica no terço apical e outra com a mesma forma, mais estreita, próxima à metade; a partir desta abertura com uma incisão longitudinal até a base.

Fêmea semelhante ao macho.

Localidade tipo. BRASIL. Santa Catarina, Nova Teutônia.

Distribuição Geográfica. BRASIL. Santa Catarina.

Dimensões (mm). Macho: Comprimento total, 7,3-8,0; comprimento do protórax, 1,6-1,8; largura do protórax, 1,6-1,7; comprimento do élitro, 5,1-5,6; largura umeral, 2,0-2,1; Fêmea: comprimento total, 9,4; comprimento do protórax, 2,0; largura do protórax, 2,1; comprimento do élitro, 6,4; largura umeral, 2,5.

Material examinado. BRASIL. Santa Catarina, Nova Teutônia, 1 macho, 05.iv.1945, F. Plaumann col. (F.M.N.H.), 1 macho e 1 fêmea, ? , F. Plaumann col. (I.E.E.A.).

Comentário. Esta espécie é facilmente diferenciada das demais por apresentar coloração verde metálica uniforme.

5. DISCUSSÃO

Em seu trabalho de 1836, LAPORTE, analisando duas espécies de clerídeos do Brasil, descreveu-as em gêneros distintos. Para uma delas criou o gênero *Philyna*, nomeando-a *P. helopioides*, e a outra foi descrita como *Clerus trifasciatus*, provavelmente por observar diferenças marcantes entre as mesmas.

O gênero *Pelonium*, anagrama de *Enoplium* Latreille, 1802, foi criado por SPINOLA (1844) para comportar as espécies de *Enoplium* do Novo Mundo. Entretanto o gênero, tal qual foi definido, apresentava características muito abrangentes, determinando uma complexidade muito grande. Por não concordar com o nome proposto por LAPORTE (1836) para a espécie *Philyna helopioides*, argumentando que a mesma não tinha o aspecto dos verdadeiros Hélopiens, Spinola sinonimizou-a com *Enoplium pulchellum* Dejean, 1837. Com esta atitude Spinola não considerou o gênero criado por Laporte fato seguido pelos autores subsequentes.

Quando CHEVROLAT (1876) descreveu *Pelonium semivittatum*, mais tarde sinonimizada com *Pelonium helopioides* (Laporte, 1836), já mencionava o fato de que esta espécie deveria formar, junto com *P. stenochioides* Chevrolat, 1874, um grupo particular dentro do gênero *Pelonium* Spinola, 1844, devido às suas características morfológicas.

Devido à complexidade do gênero *Pelonium*, GAHAN (1910) subdividiu-o em três. Essa divisão foi feita levando em conta, principalmente, a granulação dos olhos e tipo de unhas. Para um dos gêneros foi revalidado o nome *Lasiodera*

Gray, 1832, que passou a contar com as espécies de *Pelonium* que possuíam olhos com pequenas facetas e unhas simples. No entanto, essa divisão não permitiu uma homogeneidade total do grupo, como pudemos observar, fato devido talvez a um conhecimento incompleto de todas as espécies do mesmo.

As diferenças mostradas pelas espécies do grupo foram mencionadas por CORPORAAL (1948), sendo destacados apenas os aspectos relacionados à pilosidade do pronoto. No entanto, tais diferenças não foram corroboradas pelos estudos de genitália dos machos, por nós realizados, já que a espécie *L. kinbyi*, que possui o pronoto densamente piloso não apresentou diferenças significativas na morfologia da genitália, em relação àquelas que possuem o pronoto não densamente piloso.

Ressalta-se que GAHAN (1910), quando revalidou o gênero *Lasiodera*, assim como CORPORAAL (1948), ao adicionar outras espécies ao gênero, somente se referiram às espécies com pronoto tuberculado no terço posterior, já que provavelmente não tinham conhecimento das demais espécies não possuidoras de tal caráter.

Desde o início de nossos estudos do gênero *Lasiodera*, observamos que não se tratava de um único gênero, mas que tínhamos dois gêneros envolvidos, devido às diferenças morfológicas, o que foi corroborado pela análise das genitálias dos machos, daí propormos a revalidação do gênero *Philyna* Laporte, 1836.

Philyna stenochioides (Chevrolat, 1874), antes assinalada apenas para o México, é aqui assinalada também para o Brasil. Como não tivemos oportunidade de analisar o mate-

rial tipo desta espécie e como a grande quantidade de exemplares da mesma, por nós estudada, tem sua distribuição geográfica restrita às regiões Sul e Sudeste do Brasil, nos leva a crer que possivelmente a procedência do material tipo não esteja correta, pois Chevrolat afirma na introdução de seu trabalho que passará a descrever as espécies remetidas a ele provenientes do México e aparecem várias espécies do gênero *Pelonium* provenientes do Brasil. Já que a descrição original atende completamente aos caracteres morfológicos apresentados pelos exemplares estudados, principalmente com relação à coloração e desenhos dos élitros e, que não são mencionados aqueles relativos à granulação dos olhos e tipo de unhas, julgamos que a mesma deva permanecer neste gênero.

A descrição original de *L. malleri* Pic, 1933, embora um tanto pormenorizada, não nos permite diferenciar esta espécie de *L. ruficollis* (Gorham, 1877) dadas as semelhanças morfológicas entre ambas. PIC (1933) ressalta na descrição de sua espécie essas semelhanças, afirmando no entanto que *L. malleri* pode ser facilmente separada de *L. ruficollis* pelas faixas dos élitros que são violáceas e não pretas e pelos élitros finamente orlados de preto no ápice. A análise da fotografia do material depositado no Natural History Museum-London, identificado como sítipo de *L. ruficollis* (Gorham, 1877) nos permite observar que esta espécie também apresenta os élitros finamente orlados de preto no ápice, caráter não ressaltado na descrição original. Os exemplares estudados por nós apresentam as faixas dos élitros pretas ou violáceas, dependendo da incidência de luz, e vários deles estão determinados como *L. ruficollis* por consagrados especia-

listas em clerídeos, como Corporaal e Schenkling. As localidades tipo de ambas as espécies são próximas já que *L. malleni* é proveniente de Mafra - SC e *L. ruficollis* do Paraná e Rio de Janeiro. Em vista disso resolvemos considerar *L. malleni* como sinônimo de *L. ruficollis*.

As espécies *L. ornata* (Klug, 1842) e *L. voluptuosa* (Thomson, 1860), embora não representadas nas coleções estudadas, o que não nos permitiu estudos das genitálias, devem permanecer neste gênero tendo em vista os caracteres morfológicos destacados nas descrições originais das mesmas, principalmente quanto à forma do pronoto e das antenas.

6. CONCLUSÕES

. A análise das genitálias dos machos de *Lasiodena* Gray, 1832 mostrou diferenças que corroboraram aquelas mostradas inicialmente pela morfologia externa, o que nos levou a revalidar *Philyna* Laporte, 1836.

. Morfologicamente as espécies de *Lasiodena* e *Philyna* são separadas pelo aspecto do pronoto e antenas. Em *Lasiodena* o pronoto é tuberculado no terço posterior e as antenas são semelhantes nos machos e nas fêmeas. Em *Philyna* o pronoto não apresenta tubérculos no terço posterior e as antenas dos machos são diferentes das antenas das fêmeas.

. Os machos de *Lasiodena* têm a genitália com os lobos laterais unidos ventralmente por uma membrana e longos pêlos marginais nos ápices. O lobo mediano é membranoso sustentado por um par de estruturas esclerotizadas.

. No gênero *Philyna* os lobos laterais são afastados ventralmente e têm pêlos curtos densamente distribuídos no quarto apical. O lobo mediano é esclerotizado com o ápice acuminado.

. O gênero *Lasiodena* Gray, 1832 fica assim constituído: *L. kinbyi* Gray, 1832, BRASIL: Minas Gerais; *L. onnata* (Klug, 1842), BRASIL; *L. nuficollis* (Gorham 1877), BRASIL: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina; *L. nufipes* (Klug, 1842), BRASIL: Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo; ARGENTINA: Misiones; *L. trifasciata* (Laporte, 1836), BRASIL: Rio de Janeiro e São Paulo; *L. voluptuosa* (Thomson, 1860), BRASIL e, *L. zonata* (Thomson, 1860), BRASIL:

São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; ARGENTINA: Misiones e, PARAGUAI: S. Barbara e S. Estanislao.

. As espécies *L. ornata* (Klug, 1842) e *L. voluptuosa* (Thomson, 1860) devem permanecer neste gênero devido às características apresentadas nas descrições originais.

. *L. malleri* Pic, 1933 é considerada em sinonimia com *L. nuficollis* (Gorham, 1877) pelas características apresentadas.

. As demais espécies, antes pertencentes ao gênero *Lasiodera* Gray, passam a compor o gênero *Philyra* Laporte, 1836, ficando o mesmo assim constituído: *P. basalis* (Racca Filho & Santos, 1988), BRASIL: Santa Catarina; *P. helopioides* Laporte, 1836, BRASIL: Espírito Santo; *P. jucunda* (Schenkling, 1900), BRASIL: Goiás e Santa Catarina; *P. quadrivittata* (Peracchi, 1960), BRASIL: Espírito Santo; *P. stenochioides* (Chevrolat, 1874), BRASIL: Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e Santa Catarina e MÉXICO e, *P. viridis* (Pic, 1936), BRASIL: Santa Catarina.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLACKWELDER, R. E., 1945. Checklist of the coleopterous insects of Mexico, Central America, the West Indies, and South America. *Bull. U. S. Nat. Mus.* 185: 343-550.
- BRUCH, C., 1915. Catálogo sistemático de los coleópteros de la República Argentina VI. *Rev. Mus. La Plata*, 19: 235-339.
- CHEVROLAT, L. A. A., 1874. Catalogue des clerides de la collection de M. A. Chevrolat. *Rev. Mag. Zool.*, (ser. 3), 2: 252-329.
- CHEVROLAT, L. A. A., 1876. *Mémoire sur la famille des clériens*. Paris. 51 p.
- CORPORAAL, J. B., 1948. Nineteen notes on systematics and synonymy. *Ent. Ber.*, Amsterdam. 12: 242-246, 2 figs.
- CORPORAAL, J. B., 1950. *Coleopterorum catalogus* supplementa, pars 23, Cleridae. W. Junk ed., 's-Gravenhage. 373 p.
- COSTA LIMA, A. M., 1921. Técnica para a preparação e montagem de pequenos insetos para o exame microscópico. *Arch. Esc. Sup. Agric. Med. Vet.* 5: 123-126.
- DEJEAN, P. F. M. A., 1837. *Catalogue des coléoptères de la collection de M. le comte Dejean*. Troisième édition, revue, corrigée et augmentée, livr. 1-4, pp. 1-384. Paris.
- DESMAREST, E., 1876 Clériens. *In*: J. C. Chenu, ed. *Encyclopédie d'histoire naturelle*. Tome 2, Coléoptères. Firmin-Didot, Paris. pp. 226-279.
- EKIS, G., 1975. Taxonomic and nomenclatural status of clerid taxa described by Massimiliano Spinola (1780-1857)(Coleoptera, Cleridae). *Boll. Mus. Zool. Univ. Tor.* N. 1: 1-80.

- FAIRMAIRE, L. & GERMAIN, P., 1861. *Coleoptera chilensia*, 8 p.
Paris (Part. 2, section 2).
- GAHAN, C. J., 1910. Notes on Cleridae and descriptions of some new genera and species of this family of Coleoptera. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (ser. 8), 5: 55-76.
- GEMMINGER, M., & von HAROLD, E., 1869. *Catalogus coleopterorum hucusque descriptorum synonymicus et systematicus*. Vol. 6: 1609-1800. Monachii.
- GORHAM, H. S., 1877. Description of new species of Cleridae, with notes on the genera and corrections of synonymy. *Trans. Ent. Soc. London*, 1877: 401-426.
- GRAY, E., 1832. Notices of new genera and species. In: GRIFFITH & PIDGEON, *The animal kingdom arranged in conformity with its organization by the Baron Cuvier*, vol. 14 (Insecta, vol. 1), London. 570 p.
- JEANNEL, R. & PAULIAN, R., 1944. Morphologie abdominale des coléoptères et systematique de l'ordre. *Rev. Franc. d'Ent.* 11: 66-110.
- KLUG, J. C. F., 1842. Versuch einer systematischen Bestimmung und Auseinandersetzung der Gattungen und Arten der Clerii, einer Insectenfamilie aus der Ordnung der Coleopteren. *Abh. Preussische Akad. Wiss.* Berlin: 259-397, illust.
- LACORDAIRE, J. T., 1857. *Histoire naturelle des insectes. Genera des coléoptères ou exposé méthodique et critique de tous les genres proposés jusqu'ici dans cet ordre d'insectes*. Vol. 4. Librairie Encyclopédique de Roret, Paris. 579 p. [as pranchas foram publicadas em 1876]

- LAPORTE, F. L. N. de (comte de Castelnau), 1836. Études entomologiques, ou descriptions d'insectes nouveaux et observations sur la synonymie. *Rev. Ent.* published by G. Silbermann ed., Paris. 4: 5-60.
- LATREILLE, P. A., 1802. *Histoire naturelle, générale et particulière des crustacés et des insectes*. vol. 3, 467 p. Paris.
- LECONTE, J. L., 1861. Classification of the Coleoptera of North America. Prepared for the Smithsonian Institution. *Smiths. Misc. Coll.*, (Nº 136): 1-208.
- LUCAS, P. H., 1857. Entomologie. *In*: Animaux nouveaux ou rares recueillis pendant l'expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para; exécutée par ordre du Gouvernement français pendant les années 1843 a 1847, sous la direction du Comte Francis de Castelnau, Paris. 204 p., 18 pls.
- PERACCHI, A. L., 1960. Contribuição ao estudo dos cléridas neotropicais (Coleoptera, Cleridae). *Rev. Brasil. Biol.* 20: 63-68.
- PERACCHI, A. L., 1960a. Nova espécie de clérida do Brasil (Coleoptera, Cleridae). *Rev. Brasil. Biol.* 20: 139-142.
- PERACCHI, A. L., 1962. Contribuição ao estudo dos cléridas do Brasil (Coleoptera, Cleridae). *Rev. Brasil. Biol.* 22: 299-306.
- PIC, M., 1933. Nouveaux coléoptères américains. *Bull. Soc. Ent. France.* 38: 292-294.

- PIC, M., 1936. Coléoptères exotiques em partie nouveaux (suite). *Échange*. 51: 20.
- RACCA FILHO, F. & SANTOS, C. A. C. dos, 1988. Contribuição ao estudo do gênero *Lasiodera* Gray, 1832 (Coleoptera, Cleridae): I. Redescricao de *Lasiodera jucunda* (Schenkling, 1900) e descricao de uma nova espécie. *Arq. Univ. Fed. Rur. Rio de J.*, Itaguaí. 11 (1-2): 83-92.
- SCHENKLING, S., 1900. Neue amerikanische Cleriden nebst Bemerkungen zu schon beschriebenen Arten. *Deuts. Ent. Z.*, Heft II: 385-409.
- SCHENKLING, S., 1903. *Genera insectorum*, Coleoptera, Malaco-dermata, fam. Cleridae, fasc. 13. Bruxelles. 124 p.
- SCHENKLING, S., 1906. Die Cleriden des Deutschen Entomologischen National-Museums, nebst Beschreibungen neuer Arten. *Deuts. Ent. Z.* Heft I: 241-320.
- SCHENKLING, S., 1910. *Coleopterorum catalogus*, pars 23, Cleridae. W. Junk, ed., Berlin. 174 p.
- SHARP, D. & MUIR, F., 1912. The comparative anatomy of the male genital tube in Coleoptera. *Trans. Ent. Soc. Lond.* 3: 477-642.
- SPINOLA, M., 1844. *Essai Monographique sur les Clérinites*, Insectes Coléoptères, Gênes. I: ix + 386 p., II: 119 p., Suppl.: 121-216, 47 pls.
- THOMSON, J., 1860. Matériaux pour servir a une monographie nouvelle de la famille des clérides. *Mus. Scient.*, Heft 1, pp. 46-67.

ESTAMPA I - *Lasiodera nuficollis* (Gorham, 1877).

Fig. 1: Macho, antena.

Fig. 2: Fêmea, antena.

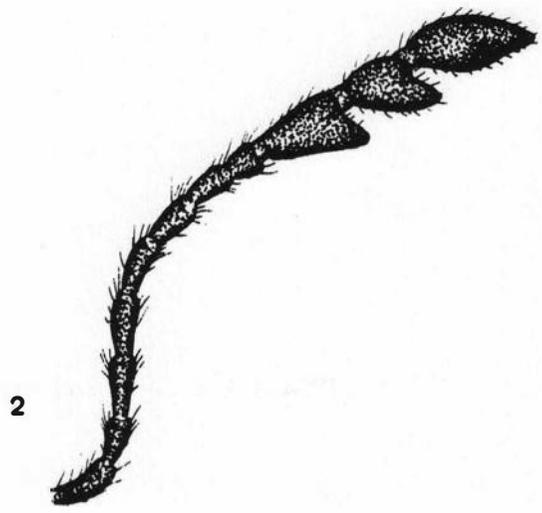
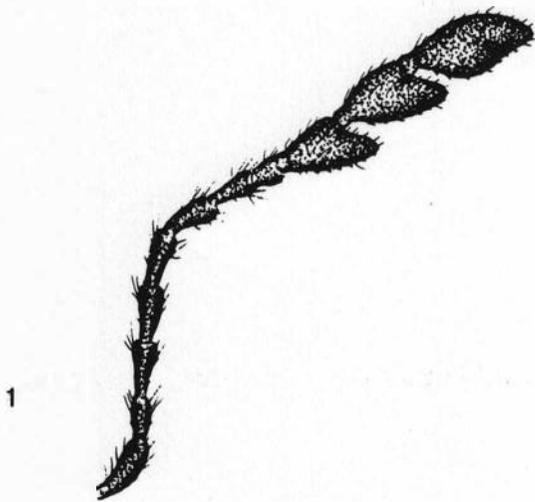
Fig. 3: Macho, palpo maxilar.

Fig. 4: Macho, palpo labial.

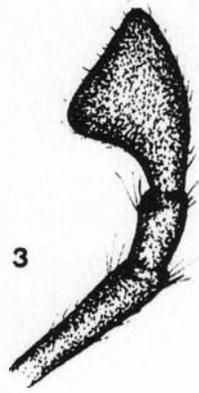
Fig. 5: Macho, abdome - vista ventral.

Fig. 6: Fêmea, abdome - vista ventral.

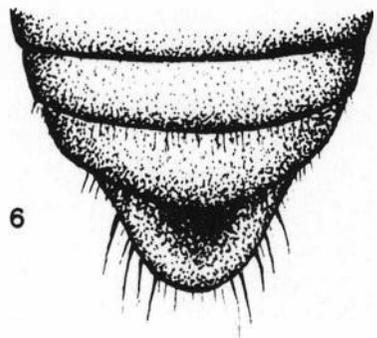
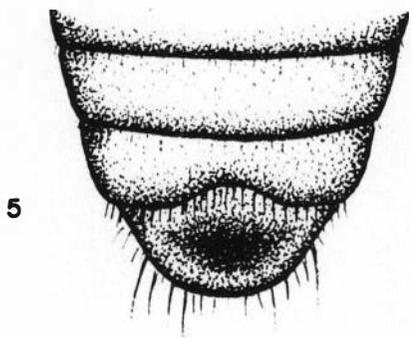
EST. I



1 mm



1 mm

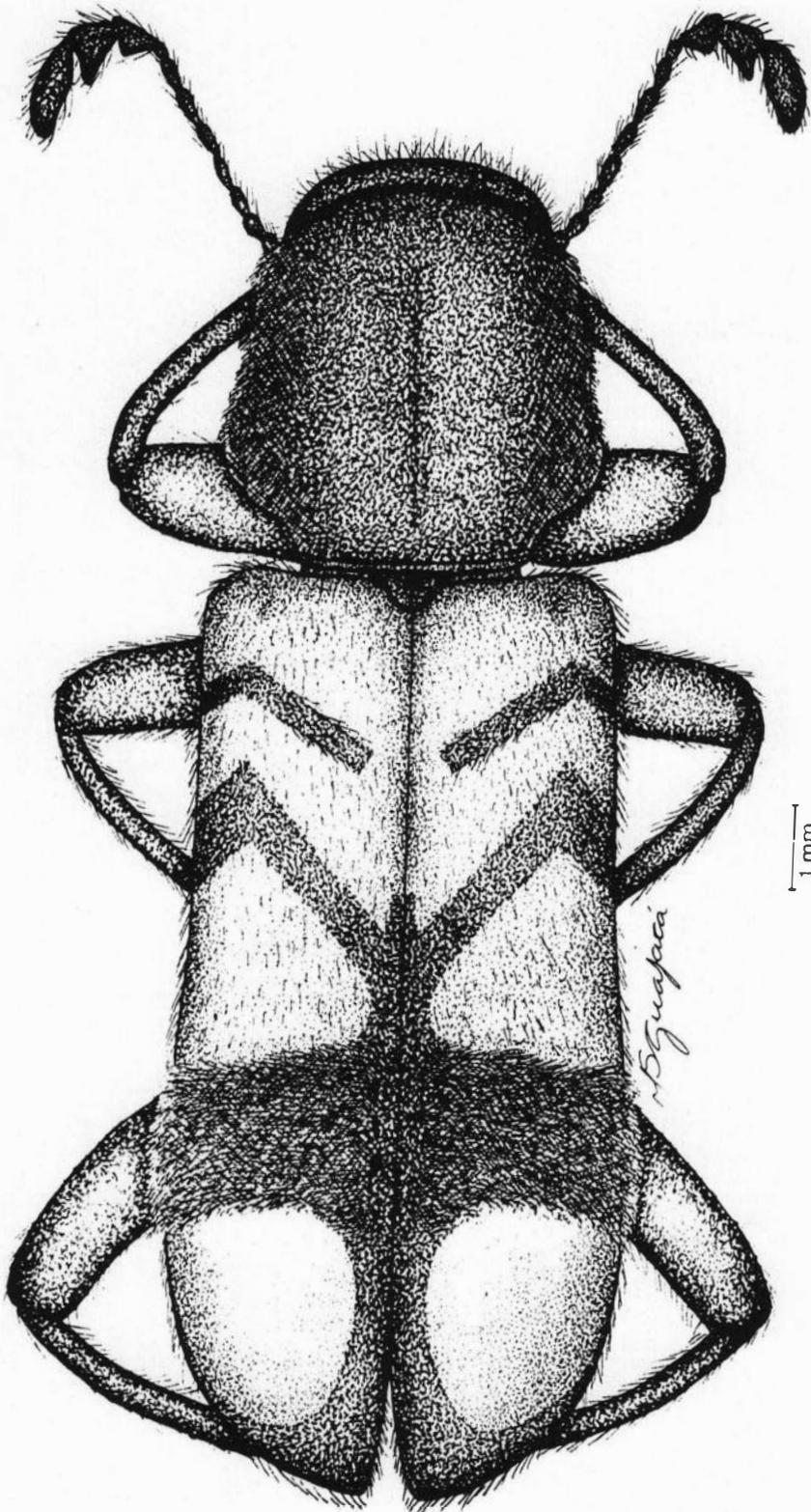


1 mm

ESTAMPA II - *Lasiodena kinbyi* Gray, 1832.

Fig. 7: Macho, vista dorsal.

EST. II



ESTAMPA III - *Lasiodena kinbyi* Gray, 1832.

Genitália do macho.

Fig. 8: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 9: Aedeagus, vista lateral.

Fig. 10: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 11: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 12: Lobo mediano, vista lateral.

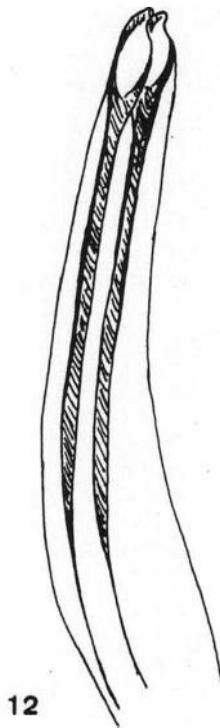
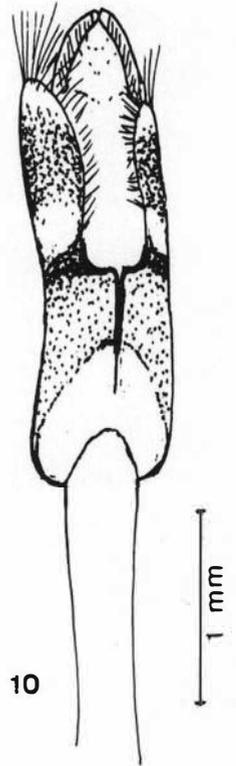
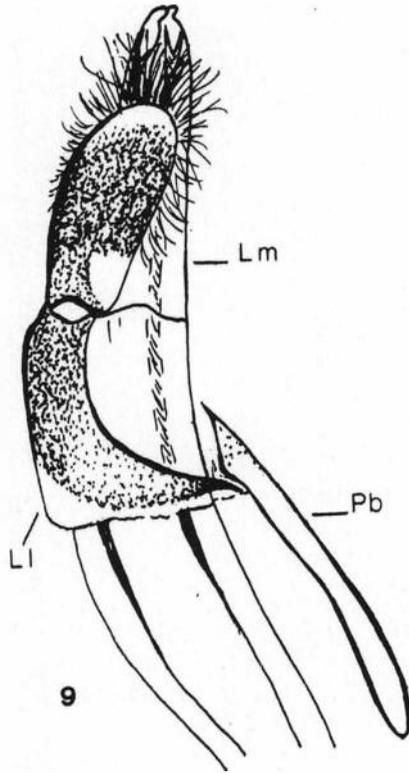
Fig. 13: Lobo mediano, vista dorsal.

Pb - Peça basal.

Ll - Lobo lateral.

Lm - Lobo mediano.

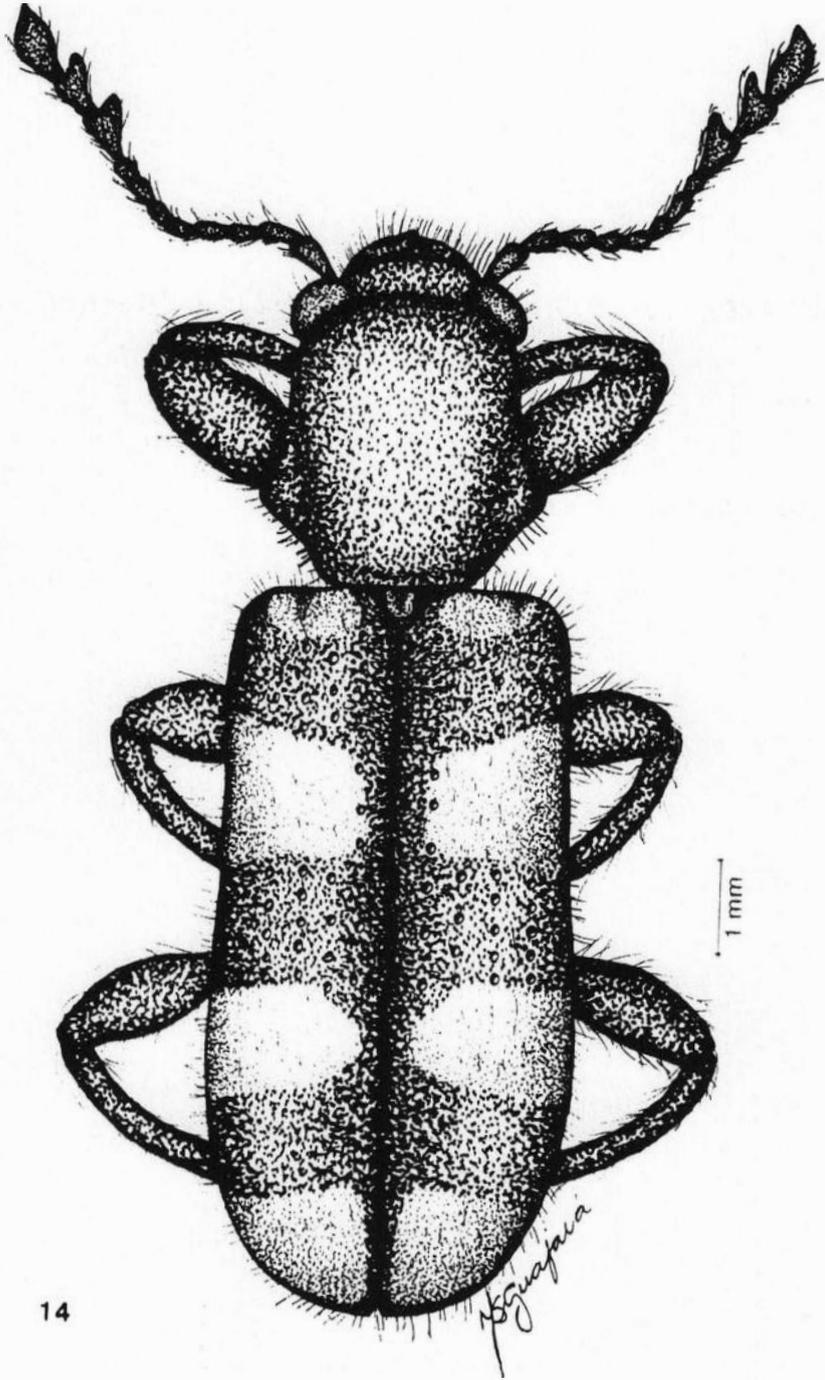
EST. III



ESTAMPA IV - *Lasiodera ruficollis* (Gorham, 1877).

Fig. 14: Macho, vista dorsal.

EST. IV



ESTAMPA V - *Lasiodena nuficollis* (Gorham, 1877).

Genitália do macho.

Fig. 15: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 16: Aedeagus, vista lateral.

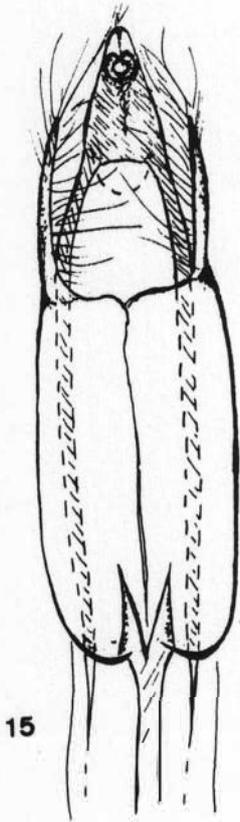
Fig. 17: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 18: Lobo mediano, vista ventral.

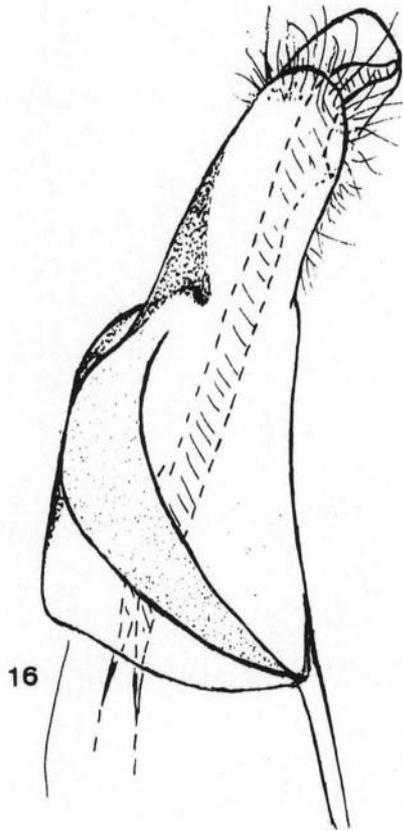
Fig. 19: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 20: Lobo mediano, vista dorsal.

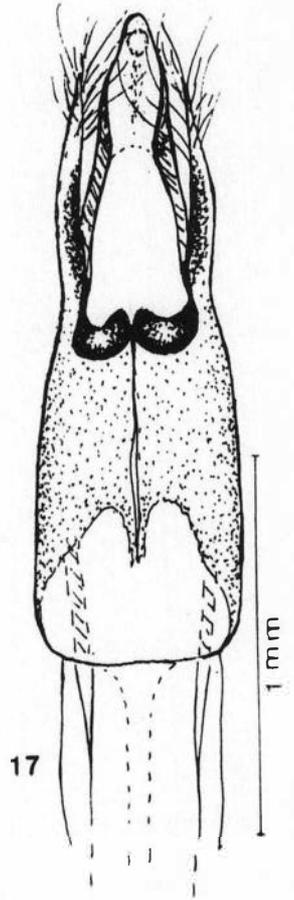
EST. V



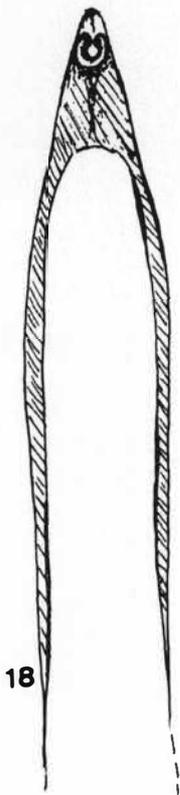
15



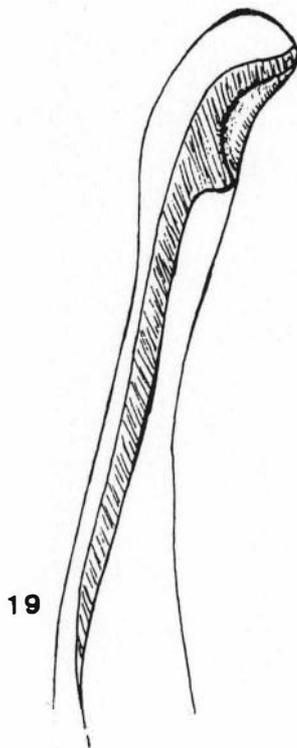
16



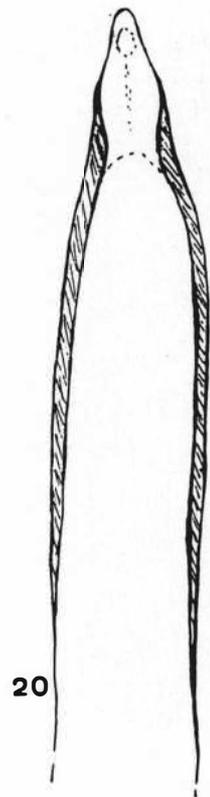
17



18



19

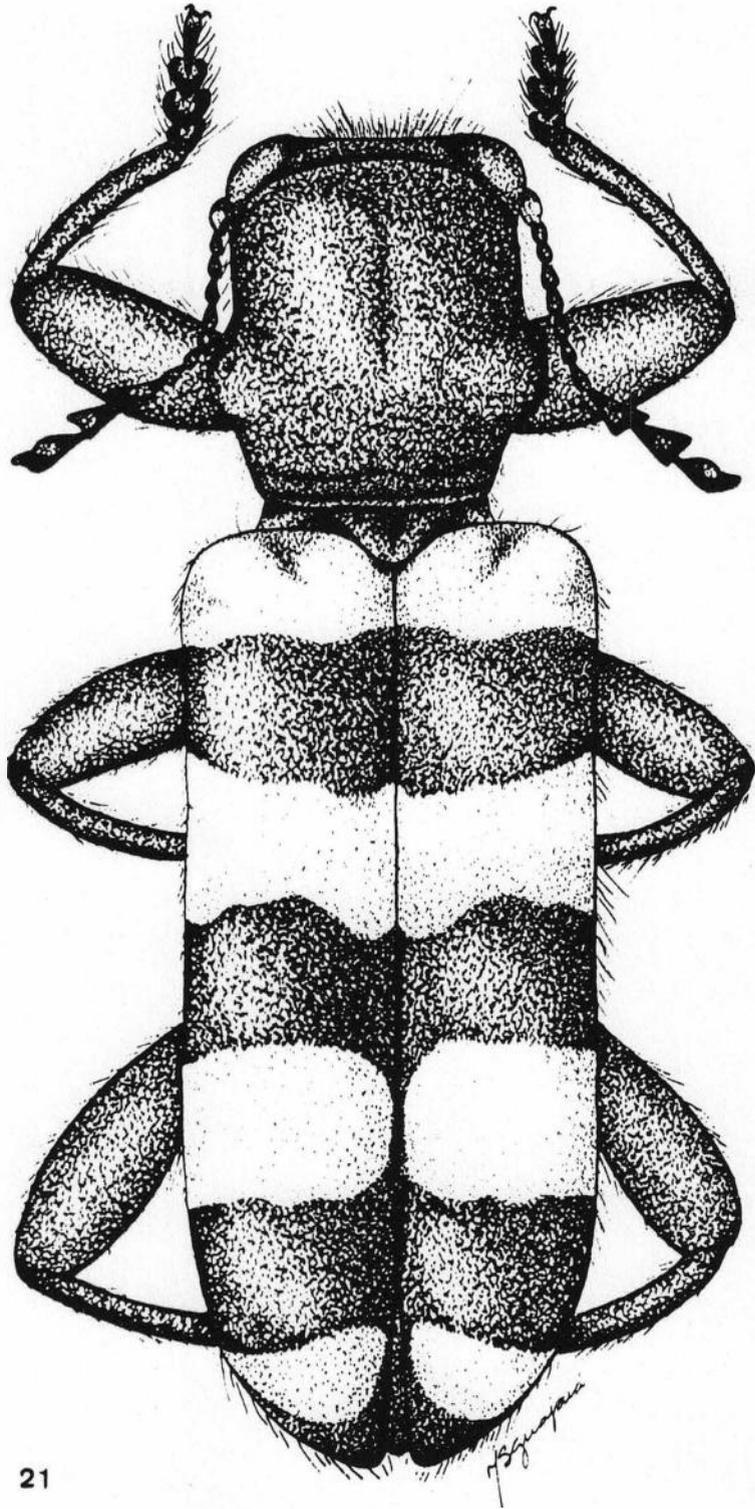


20

ESTAMPA VI - *Lasiodera rufipes* (Klug, 1842).

Fig. 21: Macho, vista dorsal.

EST.VI



ESTAMPA VII - *Lasiodera rufipes* (Klug, 1842).

Genitália do macho.

Fig. 22: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 23: Aedeagus, vista lateral.

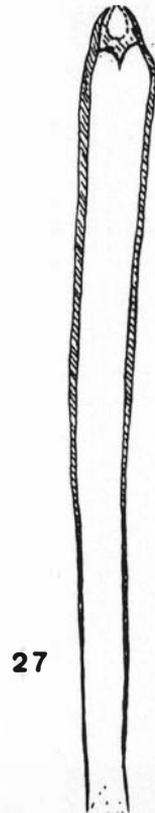
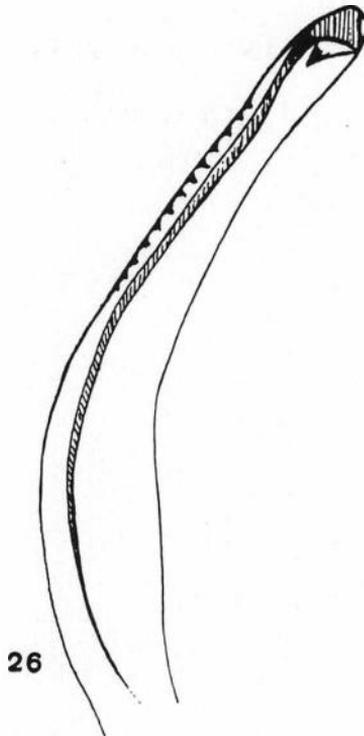
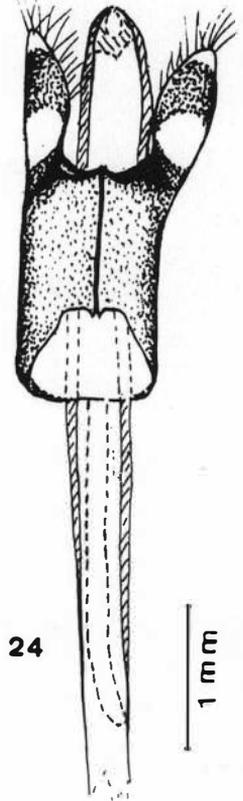
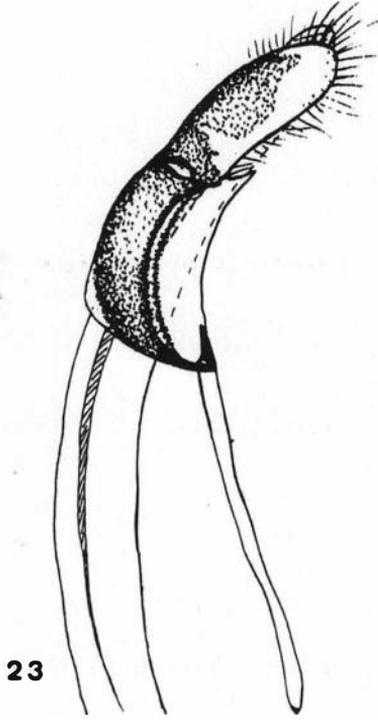
Fig. 24: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 25: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 26: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 27: Lobo mediano, vista dorsal.

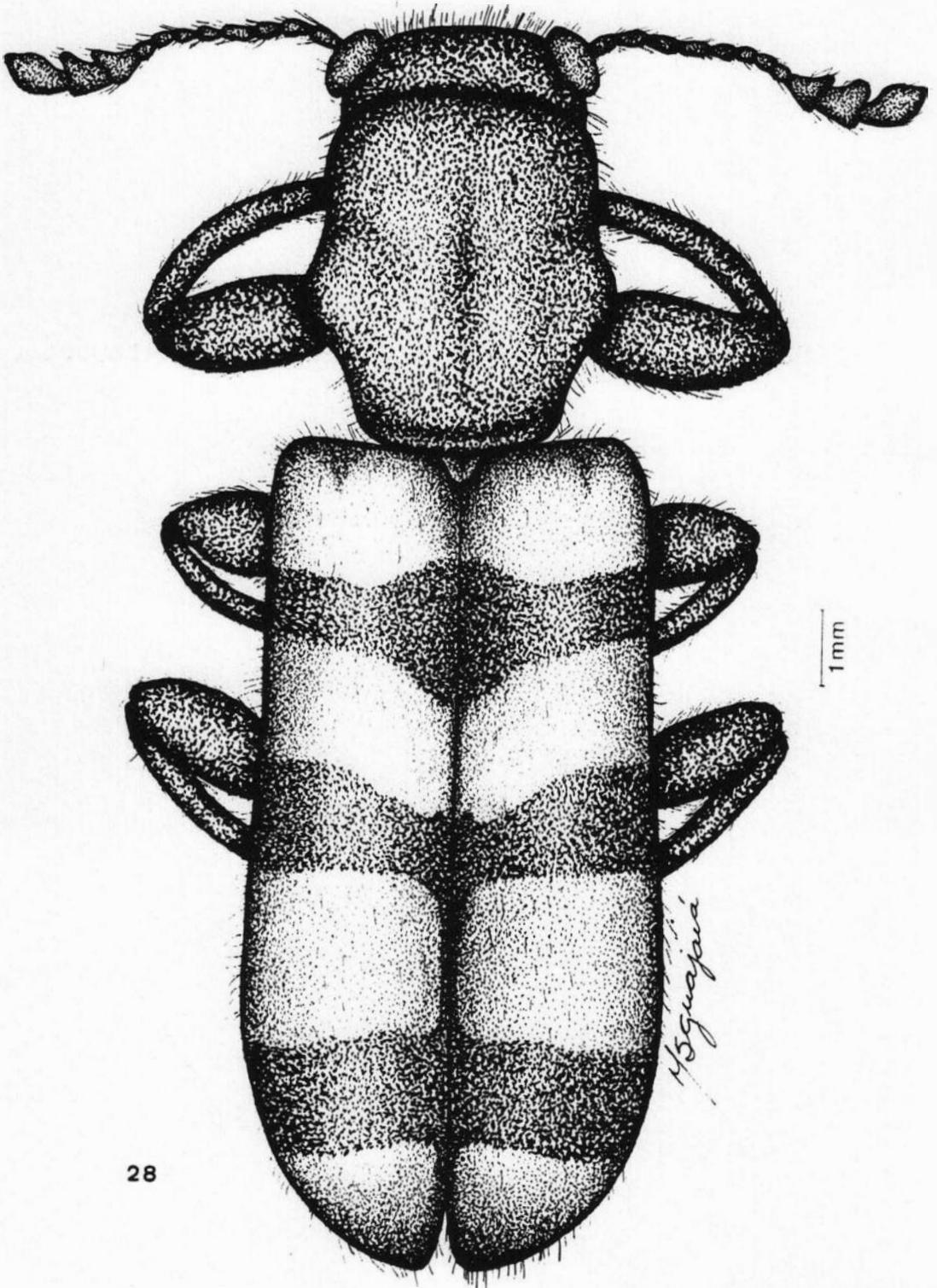
EST.VII



ESTAMPA VIII - *Lasiodera trifasciata* (Laporte, 1836).

Fig. 28: Macho, vista dorsal.

EST. VIII



ESTAMPA IX - *Lasiodera trifasciata* (Laporte, 1836).

Genitália do macho.

Fig. 29: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 30: Aedeagus, vista lateral.

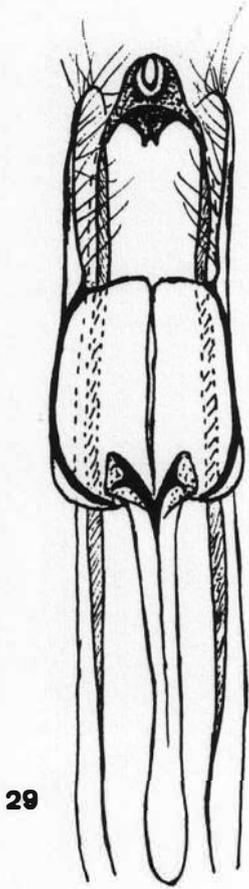
Fig. 31: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 32: Lobo mediano, vista ventral.

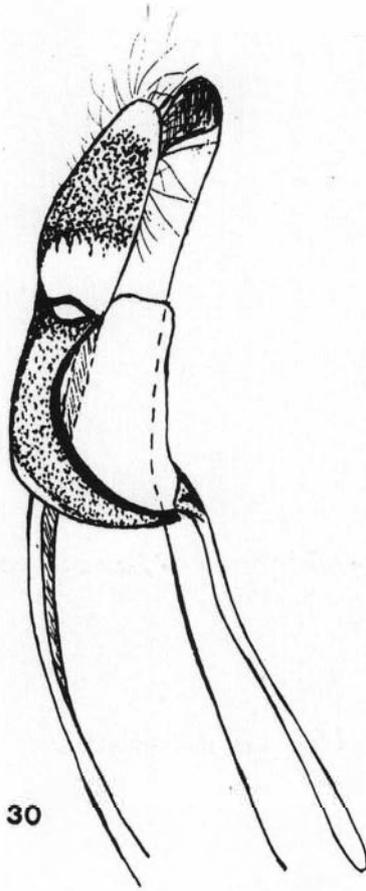
Fig. 33: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 34: Lobo mediano, vista dorsal.

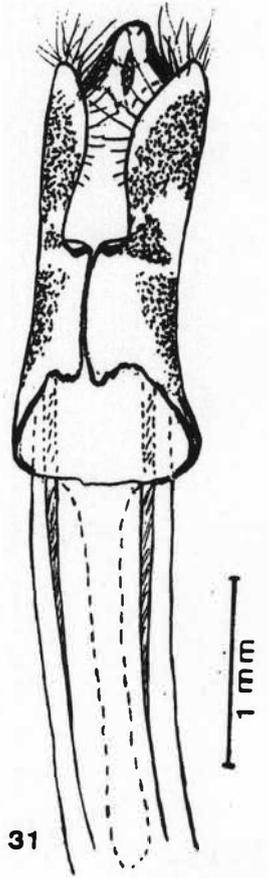
EST. IX



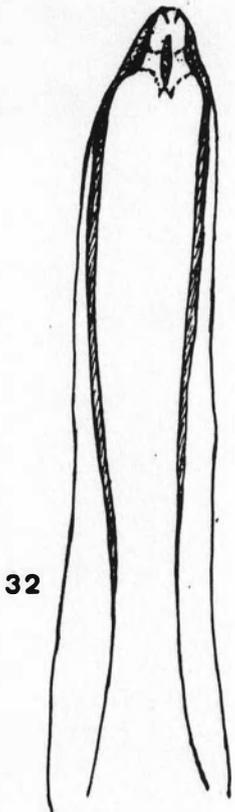
29



30



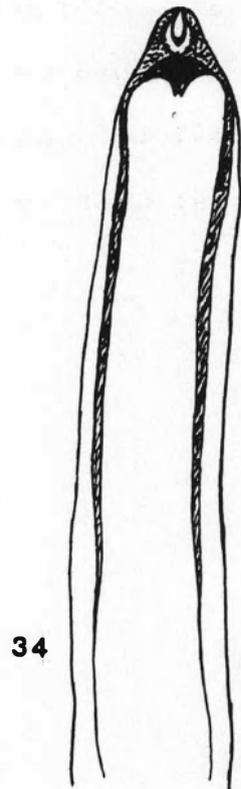
31



32



33

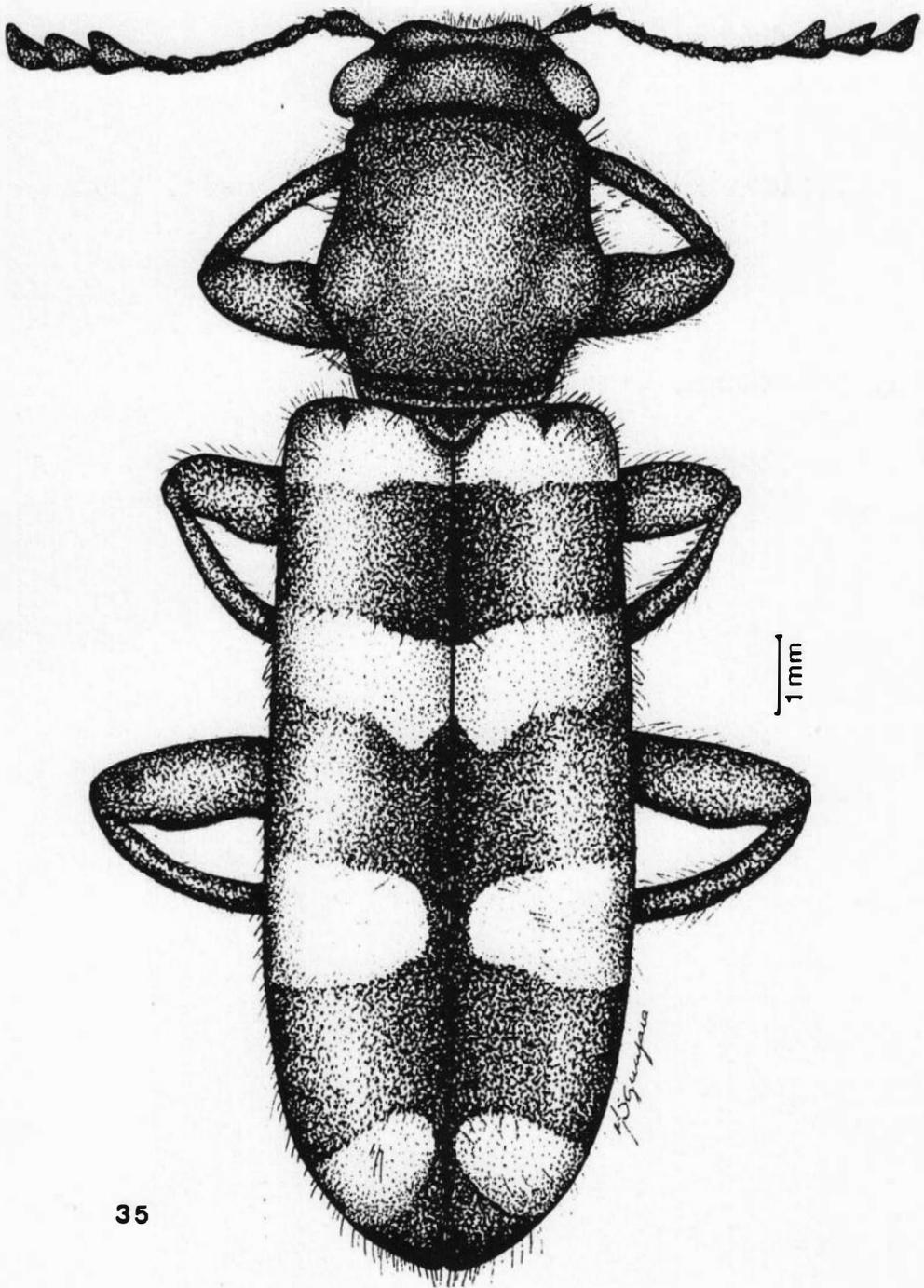


34

ESTAMPA X - *Lasiodera zonata* (Thomson, 1860).

Fig. 35: Macho, vista dorsal.

EST. X



ESTAMPA XI - *Lasiodera zonata* (Thomson, 1860).

Genitália do macho.

Fig. 36: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 37: Aedeagus, vista lateral.

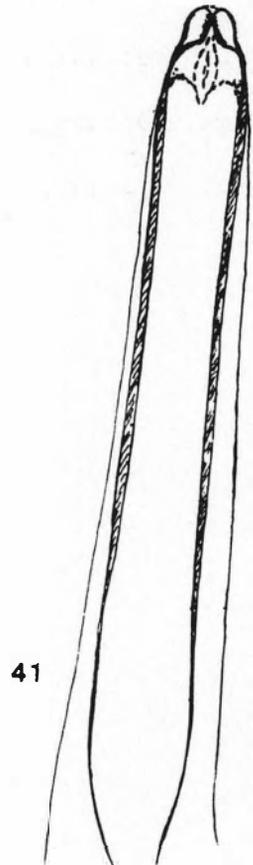
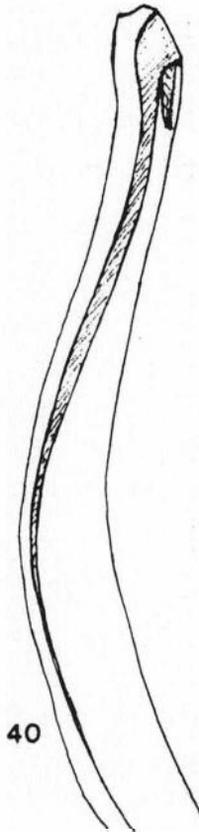
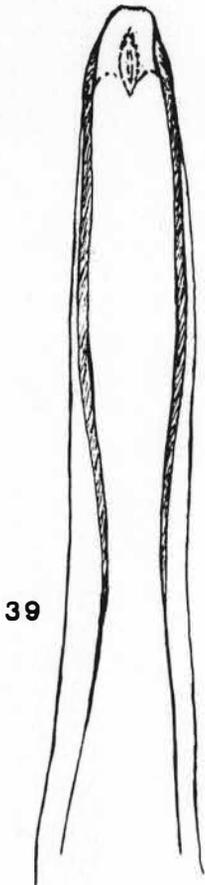
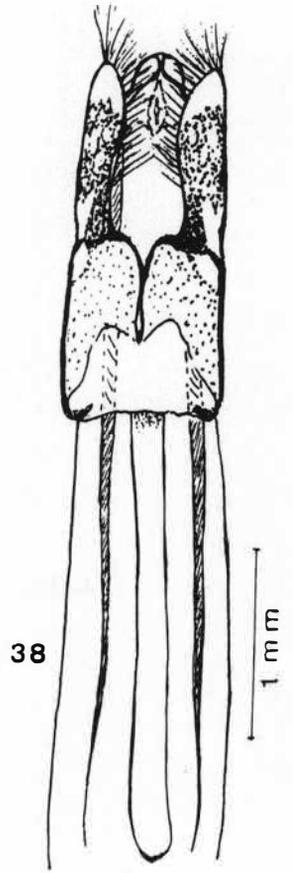
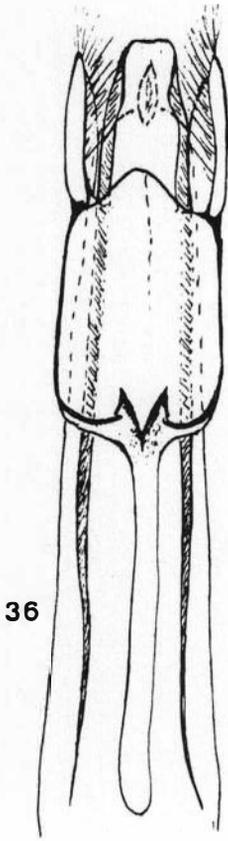
Fig. 38: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 39: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 40: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 41: Lobo mediano, vista dorsal.

EST. XI

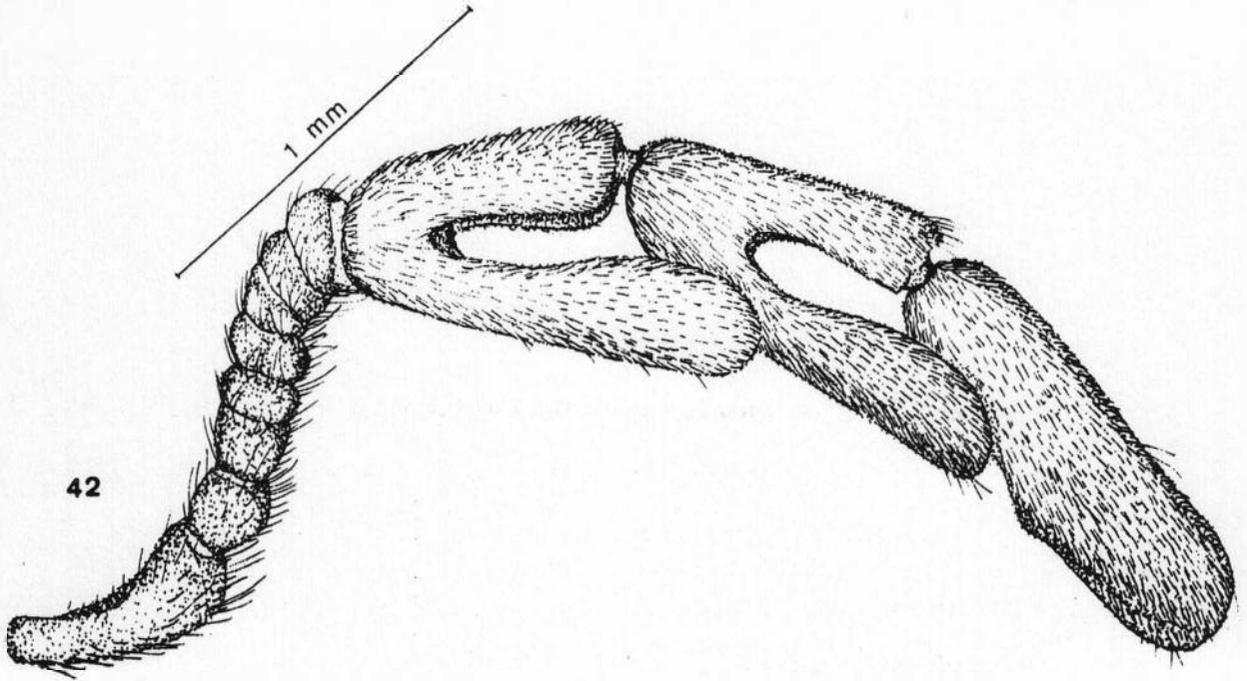


ESTAMPA XII - *Philyra basalis* (Racca Filho & Santos, 1988).
comb. n.

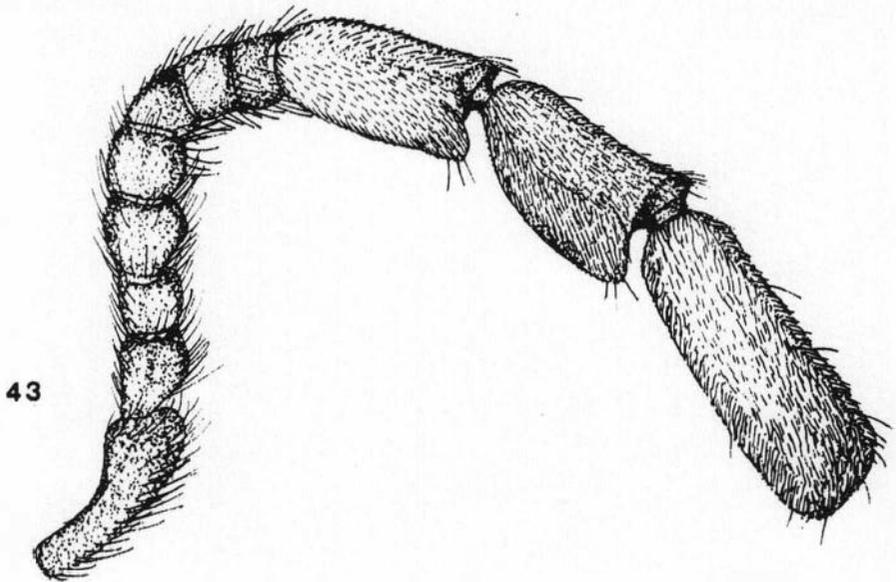
Fig. 42: Macho, antena.

Fig. 43: Fêmea, antena.

EST. XII



42

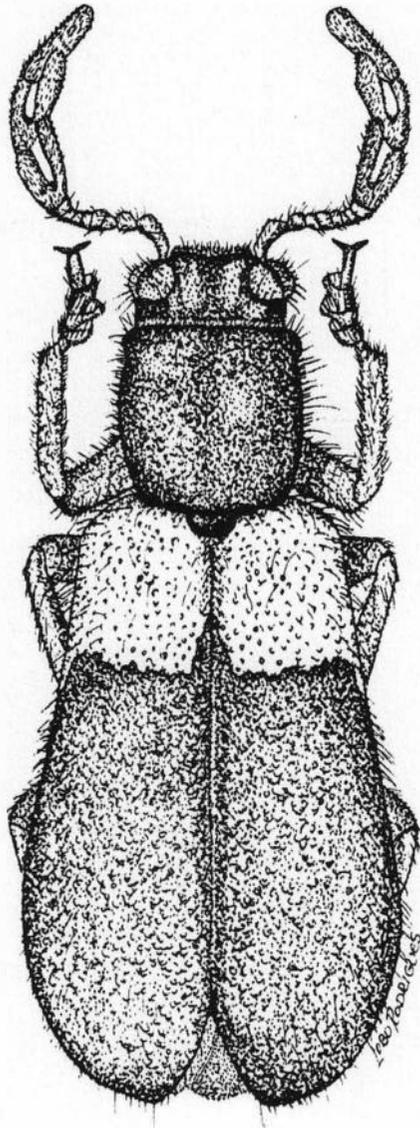


43

ESTAMPA XIII - *Philyra basalis* (Racca Filho & Santos, 1988).
comb. n.

Fig. 44: Macho, vista dorsal.

EST. XIII



ESTAMPA XIV - *Philyna basalis* (Racca Filho & Santos, 1988).
comb. n.

Genitália do macho.

Fig. 45: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 46: Aedeagus, vista lateral.

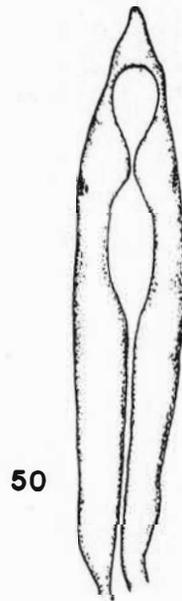
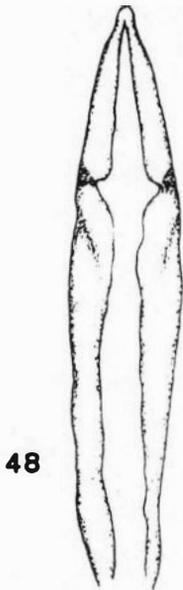
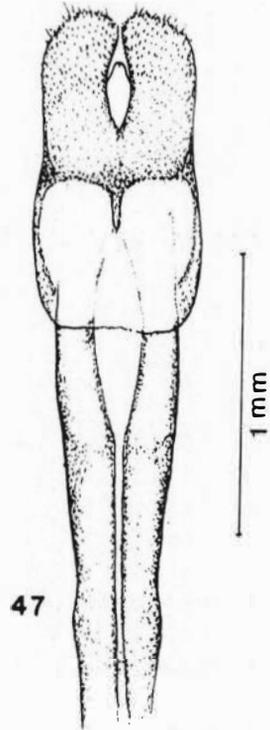
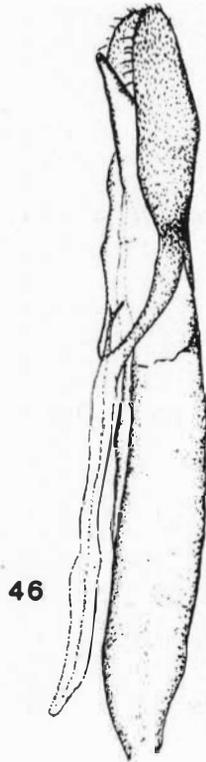
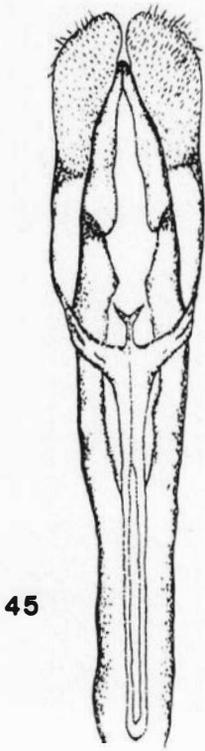
Fig. 47: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 48: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 49: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 50: Lobo mediano, vista dorsal.

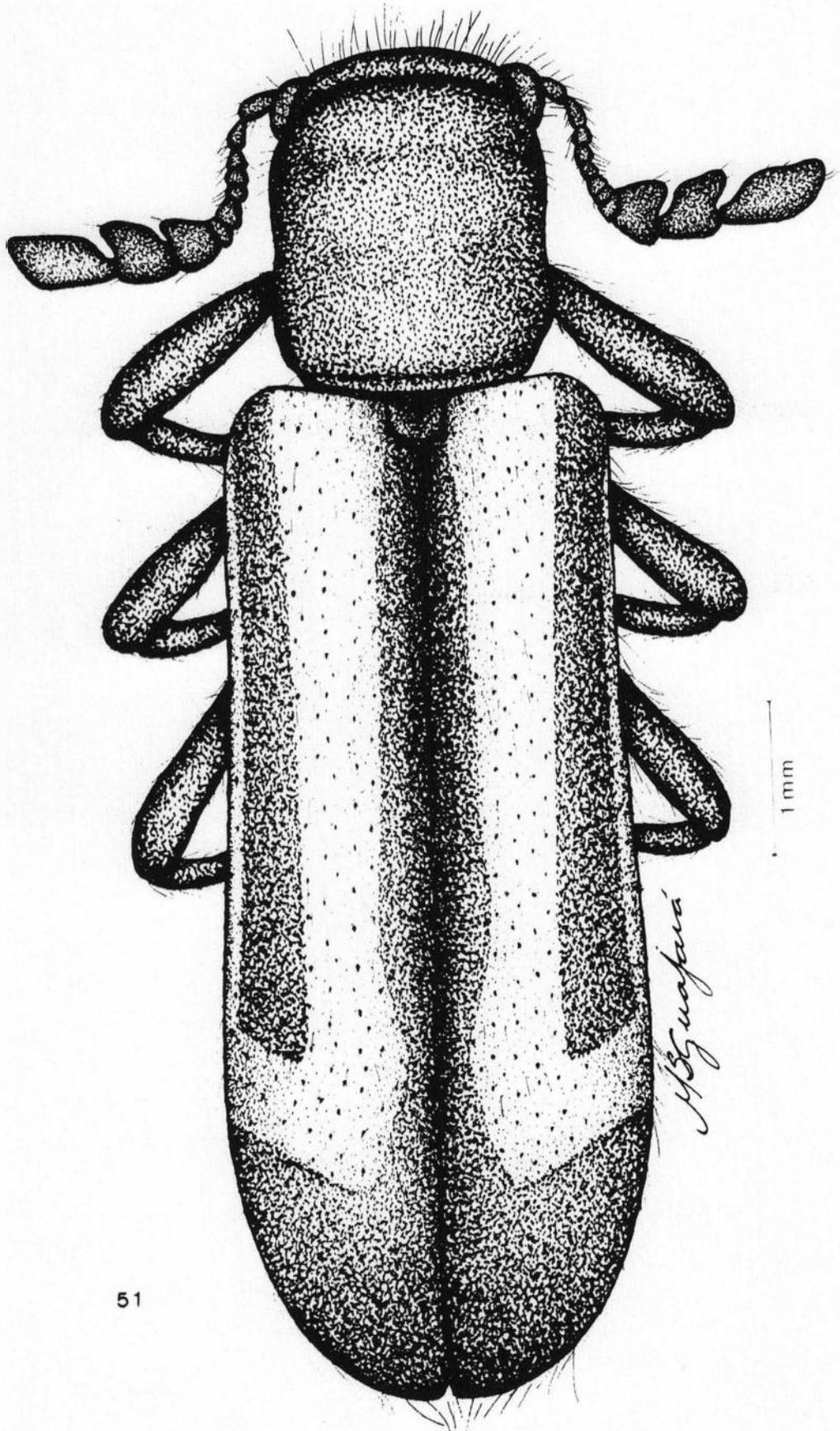
EST.XIV



ESTAMPA XV - *Philyra helopioides* Laporte, 1836.

Fig. 51: Fêmea, vista dorsal.

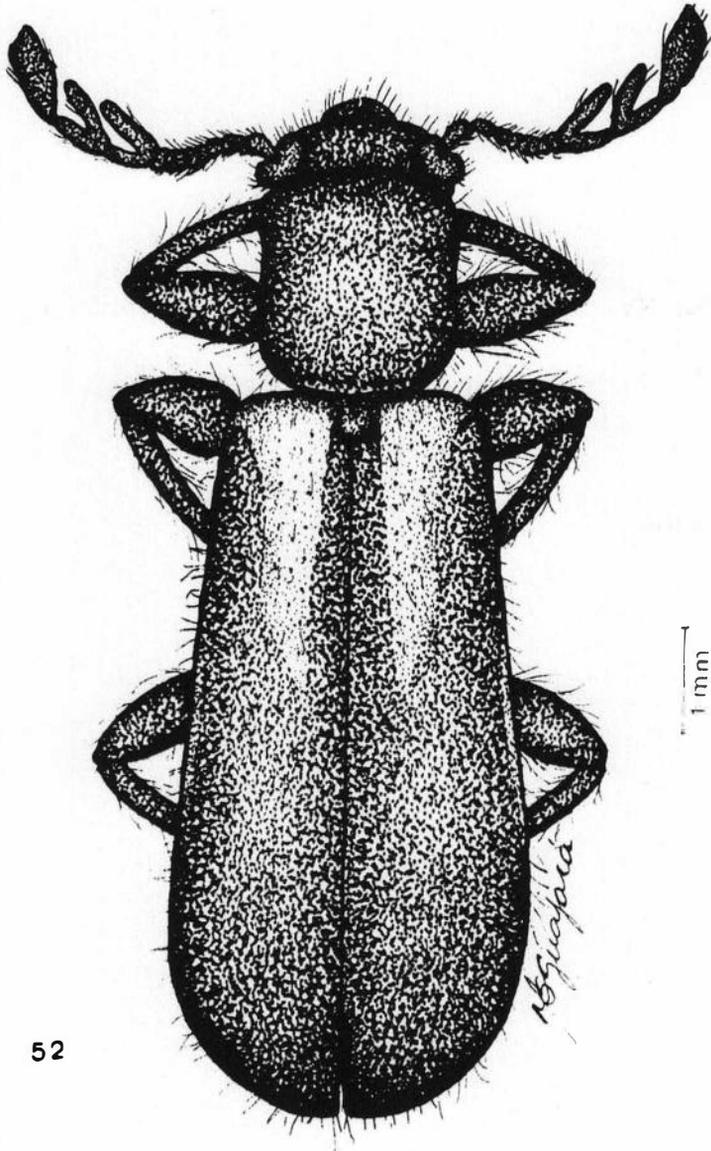
EST. XV



ESTAMPA XVI - *Philyna jucunda* (Schenkling, 1900) comb. n.

Fig. 52: Macho, vista dorsal.

EST. XVI



ESTAMPA XVII - *Philyna jucunda* (Schenkling, 1900) comb. n.

Genitália do macho.

Fig. 53: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 54: Aedeagus, vista lateral.

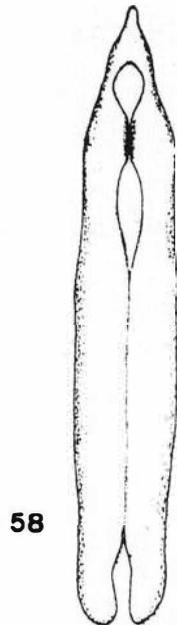
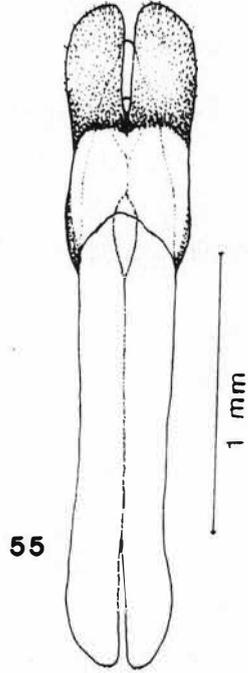
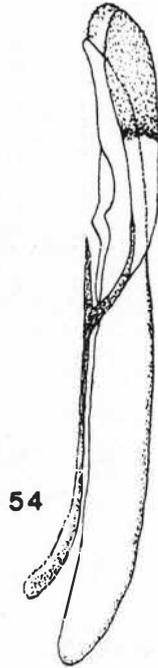
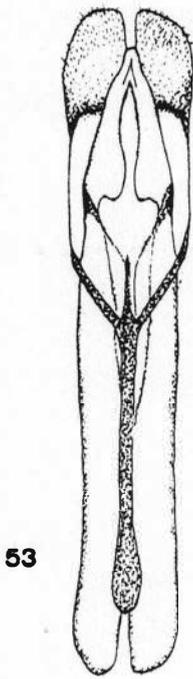
Fig. 55: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 56: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 57: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 58: Lobo mediano, vista dorsal.

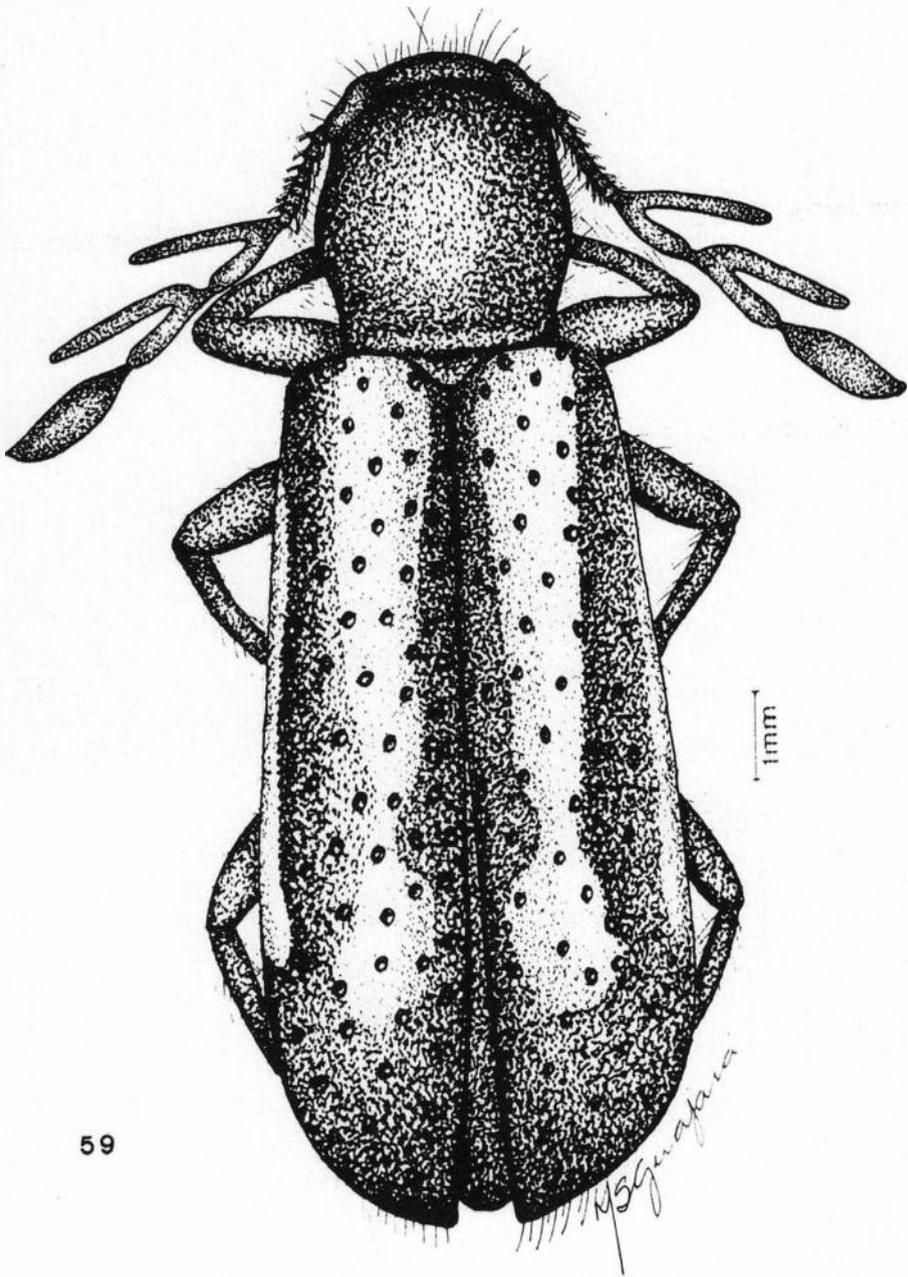
EST. XVII



ESTAMPA XVIII - *Philyra quadrivittata* (Peracchi, 1960)
comb. n.

Fig. 59: Macho, vista dorsal.

EST. XVIII



ESTAMPA XIX - *Philyra quadrivittata* (Peracchi, 1960)
comb. n.

Genitália do macho.

Fig. 60: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 61: Aedeagus, vista lateral.

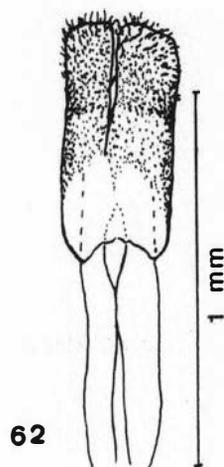
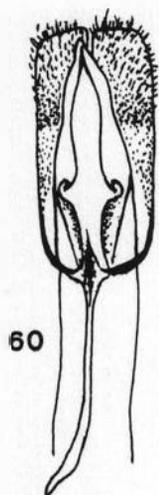
Fig. 62: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 63: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 64: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 65: Lobo mediano, vista dorsal.

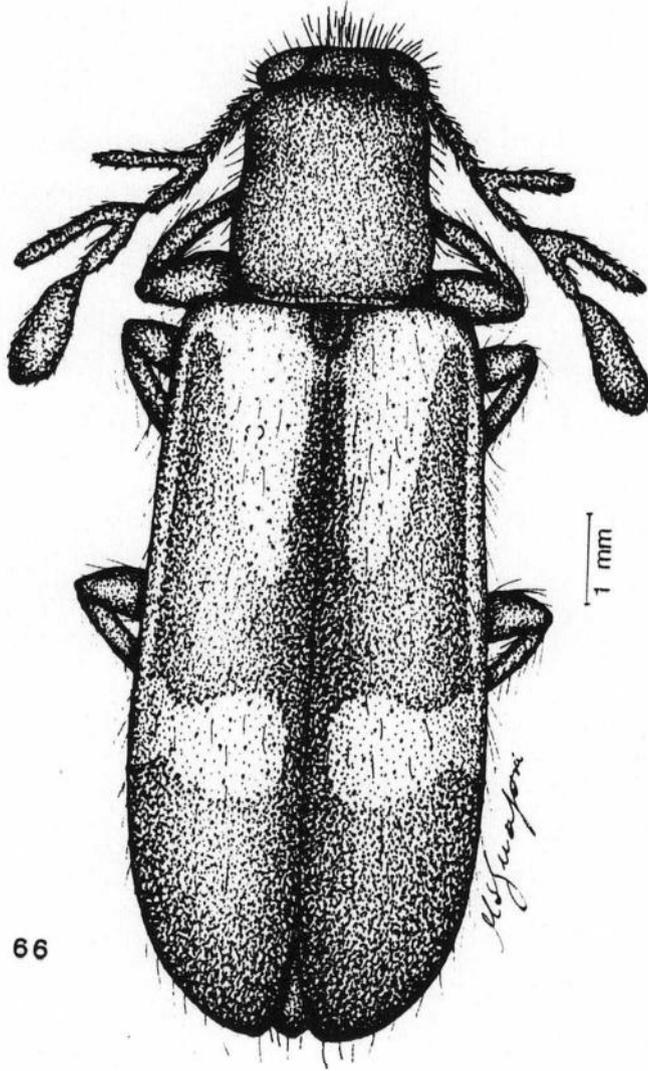
EST.XIX



ESTAMPA XX - *Philyra stenochioides* (Chevrolat, 1874)
comb. n.

Fig. 66: Macho, vista dorsal.

EST. XX



ESTAMPA XXI - *Philyra stenochioides* (Chevrolat, 1874)
comb. n.

Genitália do macho.

Fig. 67: Aedeagus, vista ventral.

Fig. 68: Aedeagus, vista lateral.

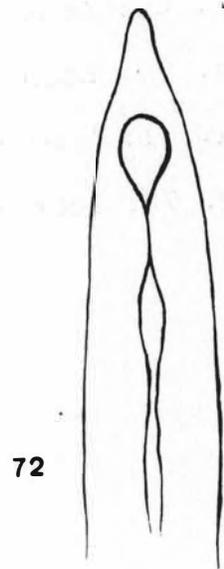
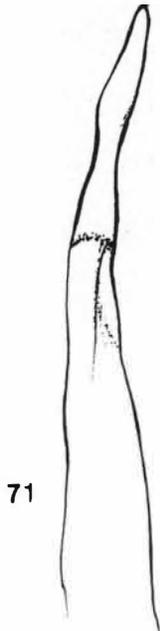
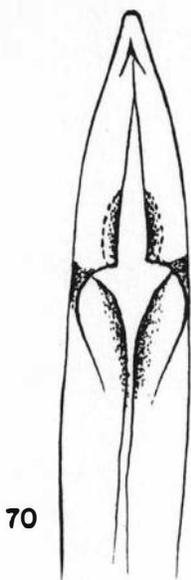
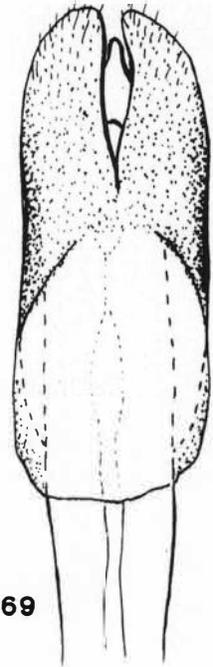
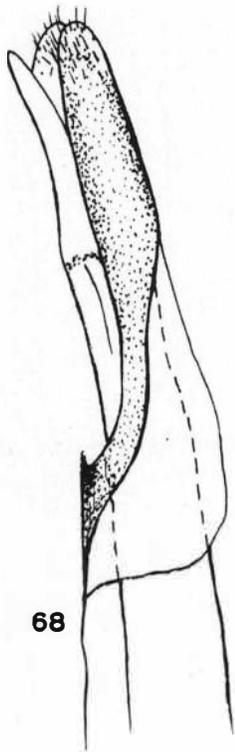
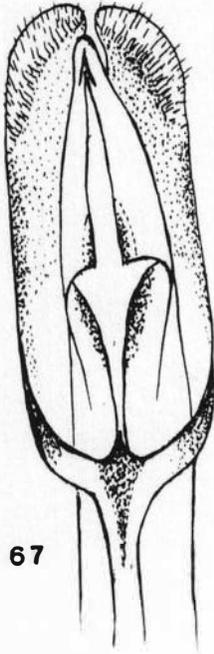
Fig. 69: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 70: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 71: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 72: Lobo mediano, vista dorsal.

EST.XXI



ESTAMPA XXII - *Philyna vinidis* (Pic, 1936) *comb.n.*

Fig. 73: Macho, vista dorsal.

EST. XXII

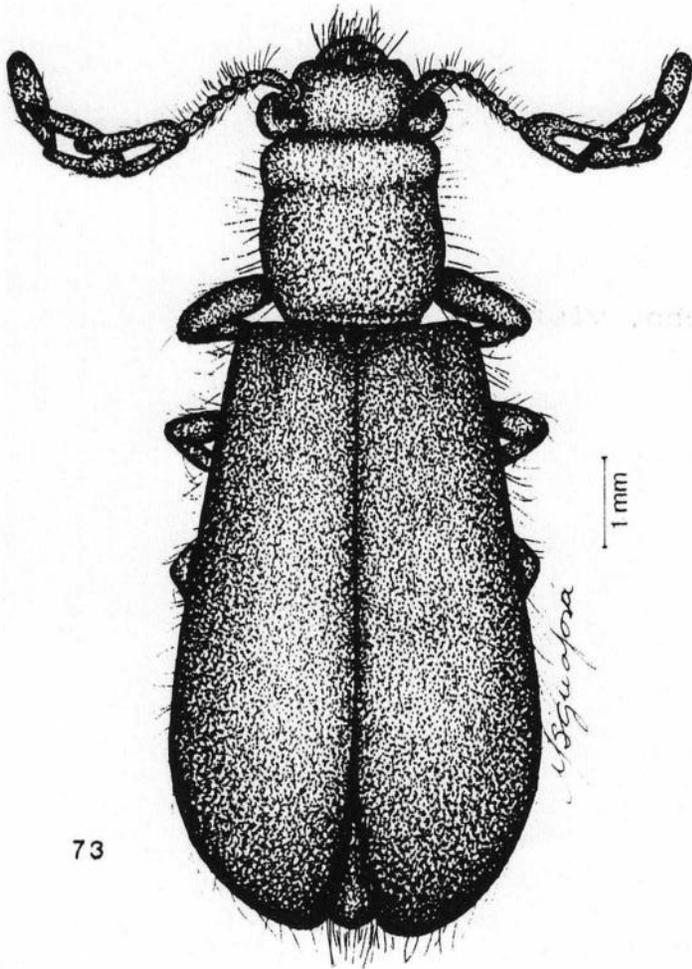


PLATE XXIII



ESTAMPA XXIII - *Philyna viridis* (Pic, 1936) *comb. n.*

Genitália do macho.

Fig. 74: Aedeagus, vista ventral.

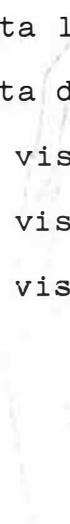
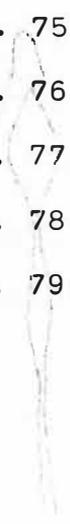
Fig. 75: Aedeagus, vista lateral.

Fig. 76: Aedeagus, vista dorsal.

Fig. 77: Lobo mediano, vista ventral.

Fig. 78: Lobo mediano, vista lateral.

Fig. 79: Lobo mediano, vista dorsal.



EST. XXIII

